



Flama

ANO VIII ★ N.º 189 ★ 19 DE OUTUBRO DE 1951 ★ 2\$50



DEBORAH KERR a brincar
com a adorável filhinha

REVISTA ★ SEMANAL ★ DE ★ ACTUALIDADES

VEM A PORTUGAL LUIZ GONZAGA,

o «rei do baião», uma voz que as emisoras portuguesas emitem a toda a hora

Texto de: LUIZ QUENTAL

Fotos de: Baretta



Uma pose e uma dedicatória para a «Flama»

SÃO PAULO - 30 de Setembro - por avião — O baião é a dança da moda. Não há festa em salão ou «boite» em que ele não se imponha como o ritmo mais popular, pelo seu sabor especial que predispõe à folia e incita ao movimento.

Essa música que hoje não conhece fronteiras, nem idiomas, nasceu em 1945, da pena de Humberto Teixeira. «Baião» foi o primeiro número escrito por aquele compositor, de parceria com Luiz Gonzaga.

Os seus autores nunca previram a popularidade e o sucesso que o novo ritmo alcançaria. Estimulados com o sucesso, Teixeira e Gonzaga lançaram-se esforçadamente ao trabalho, escrevendo e compondo novas e sugestivas letras do popular ritmo folclórico do norte.

Daí nasceu «Baião de Dois», «Baião no Braz», «Qui nem giló», «Cintura Fina» e tantos outros que o público se habituou a cantar e assobiar nas horas de lazer. Depois dos primeiros sucessos, muitos foram os compositores que surgiram na pista dos dois pioneiros do baião. E não era para menos, se consideramos os lucros autorais



As crianças aderem à companhia do «Titio» Gonzaga!!!

dos 400 mil discos que se vendem mensalmente em todo o Brasil.

Três nomes ficarão para sempre ligados à história do ritmo nordestino: Humberto Teixeira (seu criador e que acaba de ser classificado o melhor compositor de 1945), Luiz Gonzaga (o célebre sanfoneiro que deu vida às letras de sua criação e de Humberto) e, finalmente, Carmélia Alves (a popular cantora carioca, cognominada de a «Rainha do Baião»).

Procurando bem servir os leitores da «Flama», vamos dizer alguma coisa sobre a vida do mais querido e popular

missos com rádios, teatros e «boites» não lhe deixam a menor oportunidade para tal efeito. E os poucos momentos



Flores e mais flores para o artista mais querido do público brasileiro



«O Rei do Baião» — Oferta a uma cega, uma sanfona, durante um dos seus espectáculos de beneficência

artista do Brasil. Não o faremos, porém, como das outras vezes, inserindo a biografia de sua vida. Deixamos isso para outra oportunidade. Hoje falaremos apenas de alguns aspectos da sua carreira, que impuseram a sua popularidade tão junto do coração do público.

Apesar de ter recebido inúmeras propostas do exterior, Luiz Gonzaga nunca se abalçou a fazer uma «tourné» pelo estrangeiro. Os múltiplos compro-

disponíveis emprega-os o consagrado artista numa cruzada de Bem em benefício dos desprotegidos da sorte. Raro é o mês que não organiza um espectáculo beneficente. Para tal selecciona um grupo de colegas de valor, que sempre se prontifica a colaborar na sua missão. Há bem poucos dias realizou uma festa magnífica num conhecido teatro de São Paulo, cuja receita bruta reverteu integralmente para a construção da sede da Cooperativa dos Emigrados do Norte.

Dias depois, noutro espectáculo, ofertou uma sanfona (avaliada em alguns milhares de cruzeiros) a uma criancinha cega, cuja única distração consiste em tocar números populares no seu instrumento.

As fotos que ilustram a página são um testemunho desse flagrante gesto de bem-fazer.

Muitos outros pormenores de maior evidência poderiam ser citados nesta apresentação de Luiz Gonzaga aos nossos leitores se não fosse a mágoa que tal atitude causa ao popular sanfoneiro.

Aqui deixamos expressa a nossa admiração e preito de homenagem ao categorizado artista, fazendo votos para que Deus lhe conserve esse espírito de caridade que o leva a dar aos pobres um pouco do seu pão e da sua glória, e que os portugueses o saibam compreender quando em princípios do ano de 52 ele se deslocar à nossa terra.



Esther Williams e seus filhos, futuros campeões de natação.



Aqui, uma família completa; Pai (Ricardo Montalban), Mãe (Georgiana Montalban) e os três filhinhos, enlevo dos pais.

A propósito da nossa capa

Instantâneos de Hollywood

AS MÃES E OS FILHOS FOCADOS NA INTIMIDADE

Muito embora digam que em Hollywood não há verdadeiramente moral, nós atrevemo-nos a desmentir, em parte, essas afirmações. Não há regra sem exceção e as exceções a que nos vamos referir, que deveriam constituir regra, são o caso das cinco mães mais famosas da Meca do Cinema, cujo comportamento, segundo um inquérito organizado por uma revista norte-americana, tem sido sempre notável, desmentindo todas as insinuações de muito mau gosto que correm, sem razão, mas com a intenção de ferir essas artistas.

Em imagens de verdadeiro encanto aparecem nesta página e na capa, focadas em autênticos flagrantes da vida real, as mães e esposas mais populares de Hollywood e que têm merecido o carinho dos cinéfilos do mundo inteiro.

EXCLUSIVO DA «FLAMA»



Jean Hagen, uma nova artista da Metro, com o seu encantador bebê numa imagem de visível ternura.



Lana Turner e a sua Cheryl posam para a objectiva. A outra senhora é irmã de Lana Turner.



Com as honras de Chefe de Estado, chegou a Portugal o Eminentíssimo Cardeal Legado Pontifício — Frederico Tedeschini. Esperavam Sua Eminência o Representante do Senhor Presidente da República, os Cardeais presentes ao Congresso, o Chefe do Governo, Ministros, Núncio Apostólico, Prelados, Tropas de Terra e Mar e multidão enorme.

ROMA em PORTUGAL



Depois das honras militares, Sua Eminência é saudado com os Hinos Pontifício e Nacional.



Ao pisar a Terra Portuguesa o Cardeal Legado disse em português:

Ao chegar à tão suspirada meta da minha viagem — Portugal — prostro-me de joelhos para beijar esta terra que foi santificada pelos pés de Maria, que ouviu a sua voz, que recebeu as suas mensagens.

Desde 13 de Maio de 1917 Portugal, que era a Terra de Santa Maria, tornou-se, e para sempre, Terra do Coração de Maria.

Também eu venho a Portugal, portador de mensagens; são as mensagens do Sumo Pontífice a continuação das mensagens de Maria e da particular benevolência com que honra Portugal.

Queridos portugueses: as minhas mensagens são a saudação e as bênçãos do Papa, saudação e bênçãos à vossa Pátria, aos fiéis, aos peregrinos, mas especialmente às criancinhas de Portugal que por Maria foram escolhidas para seus mensageiros de hoje, de amanhã e de sempre.



Saúda o representante do povo russo, arcebispo católico de rito oriental.



O Eminentíssimo Cardeal Legado é recebido no Palácio de Belém pelo Chefe do Estado, que pouco depois retribuiu a visita no Palácio de Queluz.



O Príncipe Chigi entregou ao venerando Chefe de Estado, Senhor General Craveiro Lopes, a Gra-Cruz da Ordem de Malta. Acompanhavam o Grão-Mestre Soberano da Ordem de Malta vários dignitários da mesma Ordem.



É hospedado no Palácio de Queluz com toda a pompa e dignidade.



O Eminentíssimo Legado Pontifício, Sua Ex.^a o Presidente da República e o Ministro do Ultramar na abertura da Exposição de Arte Sacra Missionária nas Jerónimos.



O Enviado Especial do Papa visita a Câmara Municipal de Lisboa, onde assina o Livro de Ouro do Município.

Palavra Sublime e Paternal

Assim falou Sua Santidade Pio XII a Portugal e ao Mundo, no momento solene do Encerramento do Ano Santo em Fátima:

Veneráveis Irmãos e Amados Filhos, «Magnificat anima mea Dominum!» é a palavra que espontânea acode aos Nossos lábios para traduzir os sentimentos que Nos inundam a alma neste momento histórico das actuais solenidades, a que presidimos na pessoa do Nosso digníssimo Cardeal Legado; solenidades, ou hino grandioso de acção de graças; que pelo inestimável benefício do Ano Santo mundial a vossa iluminada piedade quis elevar ao Senhor, aí nessa montanha privilegiada de Fátima, da Virgem Mãe escolhida para trono das suas misericórdias e manancial inexaurível de graças e maravilhas.

Há um ano, na hora saudosamente solene, em que na Basilica do Príncipe dos Apóstolos encerrávamos a Porta Santa, parecia-Nos ver o Anjo do Senhor, que, saindo por ela doze meses antes, se fora por todo o mundo a convidar as almas de boa vontade, para que viessem a procurar a paz e renovar a vida sobrenatural na salutar piscina do Jubileu, preparada no coração da Cidade Eterna.

Aquele convite, em que adejava o Espírito do Senhor, Nós vimos, meses a seguir, as ruas e templos desta alma Cidade inundados de multidões incontáveis, quais nunca se viram em precedentes jubileus, provenientes de todas as nacionalidades e estirpes, formadas de todas as classes e categorias sociais, mas unidas na mesma fé, palpitantes do mesmo amor, animadas da mesma piedade, como irmãos em Jesus Cristo e filhos do mesmo Pai que está nos Céus, a evocar e a cantar em todas as línguas do globo as divinas misericórdias.

Magnífico e deslumbrante espectáculo da unidade e catholicidade da Igreja, que tão profundo sulco imprimiu na sua vida!

Hoje que está prestes a concluir-se o Jubileu estendido a todo o orbe, voltando sobre ele um olhar retrospectivo, outra visão não menos consoladora prende o Nosso espírito. Não é já, ou não é só o Anjo do Senhor, é, a Rainha dos Anjos que saindo nas suas imagens taumatúrgas dos mais célebres santuários da cristandade, e nomeadamente desse Santuário de Fátima, — onde o céu Nos concedeu coroá-la «Regina Mundi» —, percorre em visita jubilar todos os seus domínios. E à sua passagem na América como na Europa, na África e na Índia, na Indonésia e na Austrália, chovem as bênçãos do céu, multiplicam-se as maravilhas da graça

por tal forma, que apenas podemos crer no que vêem os olhos. Não são só os filhos da Igreja obedientes e bons que redobram de fervor; são pródigos, que, vencidos da saudade dos carinhos maternos, voltam à casa paterna; e são ainda (quem poderá imaginá-lo?) em países onde apenas começou a raiar a luz do Evangelho, tantos envoltos nas trevas do erro, que quase à porfia com os fiéis de Cristo, aguardam a sua visita e acolhem e aclamam delirantemente e a veneram e a invocam, e dela obtêm graças assinaladas. Sob o materno olhar da celeste Peregrina não há antagonismos de nacionalidades ou estirpes que dividam, não há diversidade de fronteiras que separem, não há contraste de interesses que desavenham; todos por momentos se sentem felizes de se verem irmãos.

Espectáculo singular e singularmente impressionante que faz conceber as mais risonhas esperanças.

E não quererá com ele a benigníssima *Regina Mundi* indicar-nos que toma este Ano Santo sob a sua especial protecção?

É por isso que Nós aceitando gostosamente presidir em espírito a estas solenidades, entendemos confiar-lho quase sensivelmente, certos de que as nossas acções de graças, passando pelo seu Coração Imaculado, serão mais aceites ao Senhor e os frutos salutareos do Jubileu nas suas mãos benditas, longe de se desvanecerem rapidamente, serão por elas conservados, abençoados, multiplicados.

Na solene indicação do Jubileu indicávamos como um dos seus fins principais a paz, tanto interna como externa, nas famílias, na sociedade, entre as nações. O mundo suspira pela paz, e, apesar de muito que se tem feito, continua ainda a suspirar trepidante na ânsia de a ver desaparecer de novo.

A Virgem Nossa Senhora na sua mensagem, que Peregrina anda a repetir ao mundo, indica-nos o seguro caminho da paz e os meios para a obter do céu, visto que tão pouco se pode confiar nos meios humanos.

Quando com particular insistência inculca o Rosário em família, parece dizer-nos que é na imitação da Sagrada Família que está o segredo da paz no lar doméstico. Quando exorta a preocupar-se do próximo como dos próprios interesses, a ponto de orarmos e nos sacrificarmos pelo seu bem espiritual e temporal, indica o meio verdadeiramente eficaz de restabelecer a concórdia entre as classes sociais. E quando com voz maternalmente magoada e insinuante pede um retorno geral e sincero a uma vida mais cristã não estará repetindo que só na paz com Deus e no respeito da justiça

(Continua na pág. 8)

PREÇÁRIO DA FLAMA (Pagamento adiantado) — Continente e Ilhas — Assinatura anual, 120\$00; semestral, 60\$00; trimestral, 30\$00; número avulso, 2\$50. Ultramar, Espanha e Brasil — Ass. anual, 150\$00; semestral, 75\$00; número avulso, 3\$00. Outros Países — Ass. anual, 200\$00; número avulso, 4\$00. Mudança de endereço, 1\$00.

A ESTREIA MUNDIAL DO FILME "Senhora de Fátima"

VERÓNICA LAKE

Como era, e como é

VISTA POR ROLO DUARTE



cinema São Jorge apresentou no passado dia 7, em estreia mundial e de gala, exclusivamente dedicada à Comissão Executiva do Congresso da Mensagem de Fátima o filme «Senhora de Fátima», em versão portuguesa, que serviu, ao mesmo tempo, para tomar parte nas festas comemorativas do Encerramento do Ano Santo para o Estrangeiro.

«Senhora de Fátima» é, antes de mais nada, um filme destinado a grande carreira comercial não apenas pelo assunto que versa mas ainda pelos nomes que firmam a sua direcção e pelos artistas escolhidos para o desempenho dos vários personagens. Na realidade, os factores que contribuem para a curiosidade que possa haver por este filme são esmagadores. Se Rafael Gil, como competente director cinematográfico, não é desconhecido, os nomes de Inês Orsini, principalmente, e de Maria Dulce garantem, só por si, a categoria que se possa antever na película. Isto para não falarmos em Eugénio Domingo, José Maria Lado, António Plana, etc.

Os «trunfos» com que os produtores de «Senhora de Fátima» jogaram são, portanto, magníficos. Juntaremos a tudo isto a oportunidade com que a fita é lançada.

A transcendência do tema embarracou a principio os espanhóis, mas o entusiasmo que puseram na sua realização galgou todas as barreiras que talvez parecemos intransponíveis, mormente na verdade portuguesa sobre Fátima e esse esforço, essa boa vontade, esse entusiasmo de apresentarem ao mundo católico uma fita digna, constitui já um acontecimento a louvar. Mas o filme dentro do seu aspecto espiritual será em breve apreciado e devidamente comentado pelo nosso chefe de redacção, Frel Diogo Crespo.

Faremos, portanto, de «Senhora de Fátima» pelo lado artístico e técnico, como filme que é, realizado por um cineasta que nos deu outros filmes e interpretado por artistas que vimos em outras criações. Sinceramente, com «Senhora de Fátima» tivemos várias surpresas, umas agradáveis e outras que conflagram.

Na figura de «Francisco» apresentamos uma revelação positiva. Trata-se de Eugénio Domingo que imprimiu ao personagem uma gama enorme de talento que nos convence e nos obriga a antever, na sua figura simples e ingénuo, um actor com méritos para um futuro brilhante. Depois vem Inês Orsini na «Lúcia» e Maria Dulce em «Jacinta». A primeira não fez o que nós esperávamos, mas também não se lhe pode exigir muito mais; quando a Maria Dulce, se nos lembramos que em «Frel Luís de Sousa», ela foi uma primeira figura, que atraiu sobre si todas as atenções, dando-nos uma interpretação de tal maneira sublime que vimos D. Maria de Noronha, teremos de reconhecer, com bastante razão que, apesar com um papel que não lhe deu margem a mostrar todo o seu talento e para o qual nunca deveria ter sido escolhida.



Maria Dulce tem um ou dois momentos felizes, mas apaga-se lado a lado com Orsini e Domingo.

Quem viu Dulce em «Frel Luís de Sousa», interpretando um papel de tanta responsabilidade, não pode admitir que nos apareça em «Senhora de Fátima» com uma intervenção tão relativamente curta, onde não brilha. Mas — voltamos a repetir — parece que a culpa não lhe cabe. Quem se lembrou dela para aquele papel deveria ter mais um bocadinho de consideração pelo seu talento. Creemos, entretanto, que a intenção não foi má e o seu nome

mos útil a filmagem de exteriores dentro do estúdio, pois nota-se bastante.

Rafael Gil dirigiu o filme com a segurança de que carecia a responsabilidade do tema, resolvendo problemas difíceis dentro dos limites da técnica cinematográfica.

Antes do ponto final: — o filme apresentado pelo S. Jorge pode desiludir os que vaticinaram o que ele seria. É motivo de louvores a iniciativa da sua produção. A dobragem, prejudicando a qualidade artística, tem de se aceitar...



Nesta estreia mundial, a que assistiram altas e baixas, militares, civis e eclesiásticas, Gerald Shaw apresentou, em órgão, a «Oratória de Fátima», música de Ray Coelho e poema de Afonso Lopes Vieira. O «Terceiro dos Pastinhos» foi cantado por Natália Viana, La-Salette de Carvalho e Francisco Diniz.

Esta noite no São Jorge, noite de pompa, de perfumes caros e jóias cintilantes fez-nos desejar ver a mesma obra feita em Portugal, por portugueses.



Isabel Maria Lacerda (Lisboa) — A sua carta moveu-me bastante. Não está certo que ninguém, a não ser eu, claro, responda às suas cartas. E, uma vez mais o vou fazer. Acha que a Ana Paula foi um grande triunfo em «Sol e Torres»? Acha que o Vergílio Teixeira e o Pedro Navarro são casados? Acha que eles dirão as suas idades e as respectivas moradas? Afinal sou eu quem pergunto. E se souber alguma coisa escreva-me, mas por favor, não o diga a mais ninguém, porque eles não gostam, que se revele certas coisas.

Helena (Estoril) — Vou começar pelo fim da sua carta. Então não sabe quem eu sou? Isso é, simplesmente fantástico. Mas como sou boa pessoa, vou-lhe dizer. Eu sou um indivíduo estranho, misterioso, fantástico. Mas como sou boa pessoa vou-lhe dizer. Eu sou um indivíduo estranho, misterioso, fantástico, inacreditável. Eu sou... o 2º Homem; Victor Mature é casado com a esposa e pode-lhe escrever para: 20th Century Fox. — 1401, North Western Av. — Hollywood, Califórnia — U. S. A. — Uff... Que comprido!...

Maria Odete Maia (Braga) — Arthur Semedo tem muita sorte em a ter como admiradora. Pode-lhe escrever para a Lisboa-Filme, Alameda das Linhas de Torres.

Maria Margarida F. B. Pato (Avei-



Em continuação da série de fotografias que a Paramount nos enviou de Hollywood, apresentamos hoje Verónica Lake em duas idades: aos 11 anos e aos 33.

Na primeira foto recordam-se os velhos tempos das récitas colegiais e das idéas constantes aos estúdios para ver como era e na segunda aparecem-nos a Verónica tal como recentemente interpretou alguns filmes, com a madeixa de cabelo que a cecebrizou e a expressão cara e característica da sua personalidade.

Se olharmos para a primeira fotografia somos forçados a reconhecer que as pareças existem.



CINEMA PORTUGUÊS

* Estreou-se no Porto com assinalado êxito o filme de Manuel Guimarães «Saltimbancos».

* Maria Emilia Guinot foi abordada no sentido de colaborar num filme dum conhecido realizador.

* Prepara-se uma grande expedição de técnicos de cinema a África para realizarem um documentário.

* A Warner Brothers vai realizar um filme de fundo sobre Fátima. Para o efeito deslocaram-se a Lisboa alguns colaboradores técnicos daquela importante organização.

70) — Decididamente hoje estou com pouca sorte. Pode solicitar ao «Chico Zés» a foto que pretende, escrevendo-lhe para a EN — Rua do Quelhas, também nesta cidade, berço de heróis e poetas e, deste seu mil illustre servo...

Solange Maria da Palma (Tunes) — A sua carta, bem como mais 573, foi já entregue ao Luiz (Lou) Pizarra (Pizarra).





DIAMANTINO VIZEU

APARTADO

Isabel Rocha (Vouzela) — Não, minha senhora, os votos só contam quando inscritos no cupão que semanalmente publicamos.

Maria José Pereira Carilho (Arranchas) — Mesmo depois de votar num concorrente, qualquer leitor pode votar em quem desejar.

Maria Geórgina (Beja) — António dos Santos tem realmente sido muito esquecido...

Francisco Gonçalves (Fafe) — Dirija-se ao Benfica apresentando a sua preferência que de certo será atendida.

Empregados da Casa Figueira (Funchal) — Parabéns, amigos, pela vossa propagação do nosso concurso. O ídolo madeirense Vasco Abreu vai em excelente posição, melhorada dia a dia pelas suas conquistas. Até breve!

Joaquim Tomás Pereira (Colâmbra) — As suas judiciosas opiniões têm imensas paritidões. Quanto à lista de não publicarmos a lista dos nomes escolhidos deve compreender que tal poderia induzir em erro quando se notassem falhas de determinados nomes que poderiam ser tomadas por omissões proposadas.

Elisabete de Almeida (S. Martinho do Porto); Maria Manuela da Silva Duarte (Lisboa); Fernando Rolão da Silva (Abrantes) e Maria Isabel Melo (Aragão) — A todos, muito obrigado.

Manuel Braga Sousa (Braga) — A parte final da sua carta foi transmitida aos encarregados da página de Rádio.

Maria Noémia Correia (Porto) — Pode mandar os cupões em qualquer altura.

Felislaba Duarte (Lisboa) — Jesus Correia é actualmente tão popular no hóquei como no futebol. Reatribuímos os cumprimentos.

David Frade Real Martins (Barco) — Pode proceder da maneira que indica.

Um simples voto pode ajudar a eleger o seu ídolo!

REGULAMENTO TÉCNICO

- 1.— Recortar e preencher o cupão que a «Flama» insere e enviá-lo à nossa Redacção, Rua de Santa Marta, 48, endereçado ao Concurso «Eleja o seu ídolo».
- 2.— Todos os concorrentes e os atletas e clubes mais premiados, serão habilitados a velozes prêmios cuja lista oportunamente tornaremos pública.
- 3.— Só são contados os votos inscritos no cupão que semanalmente publicamos.
- 4.— Qualquer concorrente pode votar as vezes que quiser e nos atletas que desejar.
- 5.— Os cupões podem ser remetidos em carta aberta ou postal para evitar despesas desnecessárias com o correio.



“OLÉ, DIAMANTINO!”

Decididamente os adeptos da bola estão a ser batidos pelos aficionados da Tauromaquia. E, logicamente, os dois maiores nomes das arenas lusas encabeçam a classificação, deixando atrás de si, e no seu rasto as mais gloriosas legendas do Desporto Nacional.

Diamantino Vizeu, o esférico e científico matador português, ultrapassou tudo e todos, derrubando algumas ilusões e criando novas lendas. Trata-se de um lugar absolutamente merecido — o de comandante — a que nem o prestígio do próprio Manuel dos Santos pôde resistir.

Travassos, o «crack n.º 1» do futebol português dentro da sua faceta de não renunciar nunca à luta, segue pegajinho aos dois, e se eles não se preocupam contra qualquer falta eventual do magnífico interior, teremos o Zé, a sua velocidade e o peso do seu remate a imperar na decisão.

Aráuio, em quarto lugar, menino querido do Norte, continua rodeado de uma incansável falange de admiradores que desejam sagrar-lhe triunfador. E, logo a seguir, — reparem, senhores! — surge brilhando, qual diamante negro, o famoso Matuteu que das praias de África sobra da Salésitas para passar a sabedoria e o colorido multiforme do seu jogo magnífico.

Talento de relâmpago tem vindo a Beatas muitas horas de grande glória. Por isso, cremos que o mais popular dos ídolos de Colâmbra não terá descomulgado com tão brucha queda. Outros valores, igualmente grandes, têm sofrido as revézes e as inconsistências da votação pública, e todos estes, mais tarde ou mais cedo, acabam por ver reconhecidas as qualidades que os tornaram famosos. Nada de desânimo!

O «Chico» e Azevedo, dois veteranos que tantas tardes de glória têm nos seus «palmeiras» e tantos vitórias têm dado aos peregrinhos mais brilhantes das nossas Anas desportivas, caminham lado-a-lado, immanentes no seu destino, consagrados pelos aplausos quentes de multidões.

Todos as latitudes vibraram quando Emídio, o gato português surgia como por magia a cestazo: situação embaçada para as suas redes. É, foi amparado a nomes grandes de signifição como o do guarda de Paço de Arcos, que até país de Camões, «onde a terra acaba e o mar começa» foi elevado de mata alto pedestal da mais velez e emotiva das nossas modalidades desportivas: o hóquei sobre rodas. Mais um toureiro... Fernando Segarra surge em décimo lugar, posto de honra que se conduta bem com as suas qualidades. Até onde o levará a sua juventude e vontade de vencer?...



FERNANDO SEGARRA

CLASSIFICAÇÕES

INDIVIDUAL

DIAMANTINO VIZEU	1.923
Manuel dos Santos	1.842
Travassos	1.765
Aráuio	1.691
Matuteu	1.598
Bentes	1.589
P. Ferreira	1.412
Azevedo	1.406
Emídio Pinto	1.399
Fernando Segarra	1.346
Agua	1.271
M.ª Elvira Sousa Braga	1.184
Jesus Correia	1.162
Vasco Abreu	987
Alves Barbosa	986
Patalino	970
Fernando Moreira	961
Pedro	958
Francisco Campos	943
Capela	922
J. Marques	917
Jorge Monte Real	915
J. Emídio da Silva	909
Primo	904

CLUBES

SPORTING	2.273
Benfica	2.168
Porto	1.961
Académica	1.889
Belenenses	1.853
Elvas	1.821
Braga	1.815
P. Arcos	1.793
Sintra	1.761
Setúbal	1.732
Galitos de Aveiro	1.701
Algés e Dafundo	1.687
Lusitano de Évora	1.666
Oeiras	1.590
Covilhã	1.556
Atlético	1.531
Barreirense	1.364
Santinhos	1.233
Sector 1	1.128
Caminhense	1.028
Sport. C. do Porto	1.017
Estoril Praia	1.009
Cascais	1.002
A. Amadora	991
Atenau	988
V. Guimarães	987
Boavista	986
Olhanense	985
Marítimo	982
Nacional da Madeira	980
Oriental	973
C. U. F. do Barreiro	968
Salgueiros	879
Luz. de Vila Real	826
União de Colâmbra	803
Automóvel Clube de Portugal	785
C. N. Cascais	752
Lisboa Ginásio	740
Portimonense	683
Esperança de Lagos	658
Naval da Figueira	611
A. N. Lisboa	599
Clube Naval	583
Naval Setubalense	471
Al. Moura	385
Fluvial Português	243
Tertúlia Manuel dos Santos	121
Tertúlia Alentejana	92

ESTÃO SUJEITOS A VOTAÇÃO TODOS OS NOMES INCLUIDOS NA LISTA DA SEMANA ANTERIOR

CONCURSO “ELEJA O SEU ÍDOLO”

VOTO EM

CLUBE PREFERIDO

NOME DO CONCORRENTE

MORADA

REMETA ESTE CUPÃO PARA A “FLAMA” RUA DE SANTA MARTA, 48 ENDEREÇADO AO CONCURSO “ELEJA O SEU ÍDOLO”

NATAÇÃO

Palavra Sublime e Paternal
(Continuação da página 5)

Por MÁRIO SIMAS * Continuação do n.º 187

Respiração Elementar

O factor mais importante para se nadar bem é uma respiração ampla e ritmada.

A dificuldade da respiração, dentro de água, está em se obstruírem periódica e completamente as vias respiratórias. E como se estivéssemos a correr e, de tantos em tantos segundos, nos tapassem a boca e o nariz.

Em qualquer estilo a inspiração é feita pela boca e a expiração pelo nariz.

A razão deste facto — contrário à respiração normal — é a seguinte:

O tempo de que dispomos para inspirar é diminuto e, nesse curto espaço, há que encher o mais possível a caixa torácica cuja capacidade é aumentada pela entrada em loga, da região abdominal superior (costal inferior).

Ora a inspiração pelo nariz é demasiado lenta para o efeito. E nestas condições inspira-se pela boca, abrindo-a bem e assim, em alguns décimos de segundo, conseguimos um grande volume de ar.

Para facilitar a adaptação a este género de respiração, devem praticar-se os exercícios que passo a descrever:

1.º Dispor os alunos em posição facial à parede da piscina.

As mãos agarram as extremidades ou as cadeiras.

Flectir o corpo pela articulação coxo-femoral, de modo que a cabeça fique quase sobre a água e os braços estendidos à largura dos ombros.

Nesta posição levantar a cabeça e inspirar. Em seguida, mergulhar a cabeça e deixar o ar pelo nariz e de baixo de água.

Conhece-se que os alunos estão ou não a executar bem o exercício, pelo aparecimento contínuo de bolhas de ar à superfície.

2.º Em duas fileiras, face a face, agarrar as mãos do aluno da frente. Uma das fileiras inspira, flecte as pernas e deita o ar pelo nariz e de baixo de água.

3.º Fazer uma roda de mãos dadas. Sem nunca largar as mãos, inspirar, flectir as pernas de modo a mergulhar completamente a cabeça. Expirar lentamente e abrir os olhos de baixo de água. Posteriormente, este exercício deve ser executado sem as mãos dadas.

4.º Na posição de partida para a flutuação facial, atrás indicada, ins-

pirar. Com a cabeça mergulhada, expelir o ar pelo nariz — ao mesmo tempo que desliza sobre a superfície.

«Crawl» - Generalidades

Até que o estilo «crawls» ou livre estivesse suficientemente estudado, nos seus mais insignificantes pormenores, era encarado como uma forma violenta de nadar e portanto contra-indicado para crianças.

Em seu lugar, aconselhava-se o estilo «brucos» por ser mais suave e simétrico.

A minha experiência em natação, começada exactamente pela aprendizagem do estilo livre — e todos os estudos posteriores — levaram-me às seguintes conclusões:

O estilo livre é uma forma de nadar perfeitamente natural, mais natural até que o estilo brucos, embora este tenha sido considerado o estilo escolar, por excelência, apesar da sua difícil coordenação.

Os movimentos do estilo livre são racionais e realizam-se de perfeito acordo com as possibilidades articulares e aproveitando — o melhor possível — a estrutura dos músculos, no sentido de se obter maior propulsão.

A violência que se lhe pode atribuir, resulta apenas do excesso de intensidade, em velocidade ou distância, que do seu emprego se fizer.

Com efeito, na respiração notamos que ela não se realiza nas suas condições óptimas; no entanto é semelhante à respiração indicada para o estilo brucos.

A grande vantagem deste estilo localiza-se, apenas na circunstância de as duas mãos estarem sempre em pressão sobre a água, o que proporciona grande liberdade para respirar.

Actualmente ensina-se indiferentemente qualquer dos estilos, pois deve ter-se em consideração apenas a facilidade dos alunos em se adaptarem a qualquer deles.

O estilo livre, quanto a mim, resulta apenas do aperfeiçoamento e adaptação ao homem do modo natural de os animais terrestres se moverem — tanto dentro como fora de água — a quatro patas.

(continua)

e da Lei eterna se pode sólidamente alicerçar o edifício da paz mundial? Porque, enfim, se Deus não edifica, debalde trabalham os edificadores.

Amados Filhos, que em tão grande número acorrestes hoje ao oásis bendito deste Santuário Mariano, qual grandiosa representação de quantos por toda a vastidão do orbe se esmeram em aproveitar os inestimáveis tesouros do Ano Santo, aqui aos pés da Rainha do Mundo e da Paz, com as mais férvidas acções de graças, renovai e confiai-lhe os propósitos salutareos concebidos no santo Jubileu; repeti-lhe e confiai-lhe as esperanças, as súplicas e as ânsias do mundo inteiro; e fazei a resolução de descer daqui apóstolos do Deus da paz, para trabalhar por ela com o exemplo duma vida cristã renovada, com a oração incessante, confiada ao céu, e com toda a possível actividade que a Providência vos proporcionar.

Nós, continuando a trabalhar indefessamente e por todos os meios ao Nosso alcance pelo verdadeiro bem da grande família humana, é sobretudo na poderosíssima intercessão da Virgem Senhora que colocamos as Nossas esperanças, invocando-a incessantemente para que se digne apressar a hora em que de um extremo ao outro do mundo se realize o hino angélico: Glória a Deus e paz aos homens de boa vontade.

Novidade!

Canja de galinha

Como todas as sopas Maggi a "Canja de Galinha", novidade que lançamos agora no mercado, tem um gosto delicioso e prepara-se num instante. Os cubos, as sopas e o aroma Maggi, são os grandes auxiliares da Dona de Casa.

Sopas MAGGI

CONCESSIONARIO EXCLUSIVO
SOCIETÀ DE PRODUTOS LÁCTEOS
LISBOA COIMBRA PORTO

Pneus MABOR GENERAL

UM SÍMBOLO DE SEGURANÇA E COMODIDADE

Um médico

na aldeia

POR MARIA ESPINAL

— Senhor doutor!... Senhor doutor!...
Umhas pancadinhas discretas numa porta secundam a voz que chama, afli-
ta, o médico da terra.

— Senhor doutor!... Senhor doutor!...
No quarto, o mesmo silêncio. E a voz, angustiada, chama cada vez mais
baixo, como se não pretendesse acordar o médico, rapaz ainda, que dorme
profundamente após uma noite de vigília em casa de um enfermo.

Precisava de repouso. Sim, perdera a noite junto de um leito muito po-
bre, mas já outro doente reclama o seu auxílio.

— Grite com mais força!... — suplica outra voz atormentada, impa-
ciente.

— Senhor doutor!...
Mas o apelo sai fraco, tímido...
— Pelas chagas de Cristo acorde, senhor doutor!... Meu filho morre, se
não lhe acode!... — grita agora, no auge da aflição, outra voz forte e tortu-
rada.

— Quem é?!...
E o médico acorda estremunhado. Senta-se no leito sob a força do novo
hábito que o arranca da cama quase sem dar por tal. Olha o relógio. Sete
horas!...

— Meu Deus!... E deitei-me às cinco da madrugada!... Apenas há duas
horas!...

Desolado, fita a nesga do céu pela frincha da janela que ele fechara no
desejo de um bom sono. Coça a cabeça desgrenhada, sem coragem de saltar
ao chão. Boceja. Fecham-se-lhe os olhos e quase adormece outra vez, quan-
do a voz angustiada berra fortemente:

— Senhor, doutor, venha depressa, que meu filho morre!...
Pronto. Dá um pulo da cama abaixo e consola-se, murmurando:
— Talvez valha a pena!...

Apesar daqueles dois meses de trabalho de graça, espera ainda ganhar
bem para viver. Quando estudante, supunha que sua consulta seria logo se-
guida de boa remuneração, como nos consultórios citadinos, mas agora sabe
que a aldeia é coisa muito diferente e ambiciona, ao menos, proventos que o
ajudem, pois o ordenado municipal só com boa vontade poderia chegar para
a hospedagem.

Enfim, é médico. Sem gosto nenhum, saudosos da sua vocação de outro-
ra em que lutara para que o deixassem pintar. Ambicionara ser um verda-
deiro artista e afinal, em obediência ao pai, tornara-se um clínico obscuro,
atirado para aquela aldeia pobre, ignorante, rude...

Meditando e espreguiçando-se, ia-se vestindo atarantadamente, sem ati-
nar com os objectos precisos, dispersos na desordem do quarto modesto. O es-
pelho suspenso na porta da janela enviesava-lhe a cara... Um sapato sobre a
cadeira, outro atrás da mala. A água para se lavar, ainda na fonte... E o
pente enxovalhado talvez pela cabeleira suja da criada.

Mais um esforço e ei-lo vestido.

Não esquece o estojo sempre à mão para casos de urgência e, seguido
pelo pai do enfermo e uma velhota, segue ligeiro, apuramado, numa atitude
franca e desembaraçada. Venceu o sono com a energia dos seus vinte e sete
anos e é com os olhos bem abertos que admira a manhã fresca, o sol a nas-
cer e os campos cultivados. Tem um «bom dia!» risonho para quem encontra
e um afago para os cães que já o conheciam e teimam em segui-lo.

Volta às suas recordações, surpreendido ainda de se ver ali a caminhar
apressadamente para junto de um garoto doente. E lembra a frase do pai:
— Isto de pintar não dá nada!... Médico, médico, sim!... Basta muitas vezes
apalpar uma barriga, ou espreatar a língua, para se ganhar dinheiro!...

Pai ingénuo!... Espreatar a língua!... E andar léguas e léguas, quando
muito escarranchado sem jeito sobre um mísero burro... E desnudar corpos
que nunca se banharam... E ver-se sózinho, a suar aflito, obrigado a uma in-
tervenção de urgência... E abeirar-se de leitos com parasitas... E, acima de
tudo isto, lutar contra a ignorância, a superstição e a estupidez!...

Sacode a cabeça enérgicamente para não desanimar, numa reacção varo-
nil, e vai interrogando o homem que o acompanha.

Atravessam a aldeia calcando montureiras em todas as ruelas, evitando
os animais que patinham satisfeitos sobre a palha apodrecida, espalhada nas
quilhas por sábia medida económica, adubo das sementeiras futuras.

A casa para onde se dirige fica escondida no pinhal. Pobre como todas,

oferece o aspecto daquele abandono característico que uma doença impõe num lar, quando ali se instala.

O quarto do pequeno doente é escuro, sem jane-
leia ou fresta, ou mesmo buraco a receber a luz di-
rectamente de fora.

Misera alcova de mísera sala enxovalhada. Nem
os panos de chita enramada, atirados à toa a disfar-
çar o desarranjo, para receber o doutor, conseguem
alegrar a sordidez daquela miséria.

O médico vê-se atrapalhado com a escuridão
após a claridade da manhã. Não pode observar o
enfermo e não consegue resposta de tino. A uma
simples pergunta concreta, tem de escutar um arraz-
oado enorme da mãe que se «espraia» a falar nas
graças do filho, numas papas de milho, de tudo sem
interesse... Só não diz o que o facultativo quer saber.

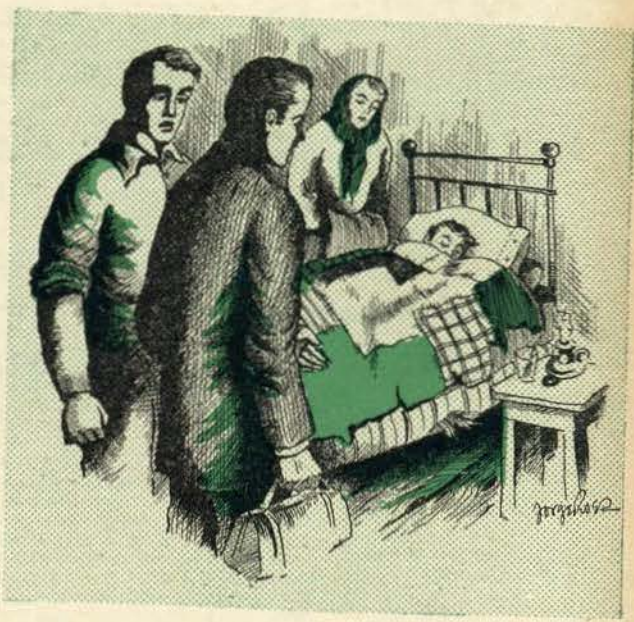
Conclui que se trata de sarampo com graves
complicações pulmonares. Receita, aconselha e ensi-
na, entrando nos mais pequenos pormenores, e olha
em redor, inútilmente, à procura de água para la-
var as mãos.

Sai e respira fundo quando o ar lhe penetra
nos pulmões. O passeio aguçara-lhe o apetite, mas resolveu fazer mais umas
visitas. — «Já agora!...» — resmunga a ganhar coragem.

Pensando no doente, pergunta a si mesmo porque não o chamariam no
início da enfermidade e o foram despertar na manhã em que precisava tanto
de descansar.

— «Ser médico é ganhar dinheiro!...» E ali estava ele com as mãos
vazias, entontecido e fatigado. Consola-se lembrando a tigela de leite espesso
que o espera e lhe apetece beber mesmo com as moscas a zumbirem à volta,
até mergulharem nele, a criada descalça e as galinhas dentro de casa.

E sonhara com um salão forrado graciosamente de panos adamascados,
quadros valiosos e ornamentos de gosto. E poltronas confortáveis e sala de



fumo. E ele, um artista a transformar uma tela numa alma, na magia da sua
arte...

O que ele sonhara!... E ali estava a olhar receoso as mangas do casaco
que roçaram o doentinho suado e o leito sujol...

Seguiu adiante, sob a sombra fresca de folhagens primaveris. De todos
os lares saía um fumo tênue e crianças, às portas, expunham os corpiños nus.
Esfuracavam o nariz enquanto o miravam curiosamente, e ele, sugestionado,
via já aqueles corpos manchados e febris, contagiados pelo mal que presen-
ceara.

Não apreciava aquela vida animal que o sol e o bom ar defendiam e,
revoltado, desejava voltar aos sonhos antigos. Mas, aproveitando a frescura
da manhã, continuou a sua via-sacra... E baixou-se a apalpar joelhos torci-
dos, examinou bocas fétidas, ouviu lamentos e recebeu, animou, deu conse-
lhos. Chegou ao seu quarto, moído, esfomeado. Desinfectou as mãos, refres-
cou o rosto com água fria, bebeu o leite, descalçou-se e, com um suspiro de
consolo, deitou-se pesadamente. O cansaço prostrou-o e o sono pôs fim ao
seu tormento.

Toda a carta tem resposta

MAGAZINE desportivo

APRESENTADO POR QUARESMA GOMES E XARA BRASIL

Uma admiradora de Aguiar (Almada) — A «Flama» já publicou uma entrevista com o magnífico avançado berquense. Muito obrigado pelas suas palavras de simpatia.

António Amorim (Barcelos) — No número 185 publicámos uma página dedicada ao automobilismo. Talvez continuemos... Obrigado.

Um Vianense muito desportista (Braga) — A nova morada do nosso repórter fotográfico para a Sede do Sporting Clube de Portugal, Rua do Passadico, 86 — Lisboa.

Mário Pompílio dos Santos (Guarda) — A nova morada do nosso repórter fotográfico C. Madeira é Rua D. João V, 12 r/c. — Lisboa.

João Rose (Lisboa) — Pode escrever para os hoquistas internacionais por nosso intermédio.

Maria Josefina (Lisboa) — Sim, minha senhora. Já entregámos a sua carta a Sidónio Serpa.

Maria Gilberta (Sintra) — Leia a resposta que damos a João Rosa.

Quatro amigos da «Flama» — Travassos é sócio de Construções Cofril, R. José Esquivel, 11 — Bairro de Alvalade, Lisboa. Dirijam para aí a vossa correspondência.

António Correia (Povoação) — O Sporting tem mais delegações e filiais.

Uma endiabreada minhota — Para adquirir as fotografias autografadas dos hoquistas a que se refere escreva-lhes para Sidónio Serpa, R. Correia Teles, 51, 2.º Dt.º Lisboa; Emílio Pinto — Av. Almirante Reis, 24 — Lisboa.

Quanto às idades dos nossos internacionais... eles não gostam que os comuniquemos. Apenas diremos que o mais velho é Sidónio e o mais novo Correia dos Santos.

Os autores desta página são na verdade amigos... «quase» inseparáveis. O Xara Brasil é o que não tem óculos.

Dois Ribetejanos (Valado Ribatejo) — Escreva para Barros dirigindo a sua correspondência para a Sede do Sporting Clube de Portugal.

Franklin Caldas Amorim (Esposende) — O senhor acertou na idade da patrocinadora Edite Cruz e ganhou a aposta...

Eduardo da Silva Novais (Guimarães) — Dirija-se a Azevedo por intermédio da Sede do Sporting. A Sérgio e Feliciano deve escrever para a sede do C.F. «Os Belenenses» R. do Junqueiro, 534, 1.ª Lisboa.

Coisas que não estão certas LUGARES para a Imprensa que... não são LUGARES

O problema é velho mas continua sem solução. A imprensa não trabalha em condições nos nossos estádios.

Instalações péssimas, acanhadas, sem um mínimo de comodidade necessária a quem cumpre um dever, a quem desempenha uma profissão de interesse geral e desportivo, muito em particular.

Argumenta-se: os campos de futebol portugueses são provisórios, estão todos, ou quase todos, em regime transitório à espera de obras maiores ou menores para uma melhoria sonhada.

Mas isso não justifica tudo. Os clubes, se quisessem, poderiam melhorar os lugares da imprensa, tornando-os mais de harmonia com a necessidade.

É preciso apenas boa vontade. Vamos, senhores dirigentes! Olhai o caso com mais carinho, sim?

TALVEZ NÃO SAIBA...

QUE Gino Bartali completou 38 anos no decorrer da última Volta a França em Bicicleta.

QUE o voleibol é a modalidade desportiva que, no Japão, mantém em actividade maior número de praticantes.

QUE os negros do Globetrotters disputaram até hoje mais de 2.000 encontros tendo sido derrotados apenas duas vezes, uma delas contra a selecção nacional americana que em desafio desforça se viu batida.

O último autógrafa de MARCEL CERDAN

Faz 2 anos no próximo dia 28 que correu o efer da notícia da grande tragédia: O Bozeur francês MARCEL CERDAN havia falecido vítima dum brutal desastre de aviação ocorrido nos Açores quando ia a caminho dos Estados Unidos a fim de tentar reconquistar a Jack La Motta o título mundial de médios que tinha perdido num combate infeliz disputado pouco tempo antes em Madison Square Garden.

Este foi o último autógrafa do grande ídolo:

Para os desportistas de França as minhas despedidas cordiais e a certeza de que farei todo o possível por regressar com o título.

MARCEL CERDAN

*Pour les Sports de France
Mon ami! Recevoir le poign
que je ferai tout au
Mande pour recevoir avec le titre
Marcel Cerdan
27/10/49*

Estas linhas reflectem bem a confiança com que Cerdan partira. Contudo ele estava longe de supor que seriam as últimas que escreveria.

ÚLTIMA HORA

Em virtude do pesadíssimo trabalho de organização a Confederação Brasileira de Desportos desistiu de levar a efeito a II «Copa Rio» que estava marcada para 1953. Entretanto a Federação Uruguaia candidatou-se à sucessão. Tudo leva a crer que a próxima «Copa Rio» será disputada em Montevideo. Com outra designação, é claro...

SENSACIONAL!

- ★ Mais uma nova revista desportiva, denominada «Marca», impressa em «off-set».
- ★ O Sporting Clube de Espinho está levando a cabo uma grande obra no ressurgimento do desporto espinhense.
- ★ A equipa de honra deste clube é constituída à base de elementos juniores.
- ★ Espera-se a saída do novo «Estado do jogador» dum grande clube.

DE PEQUENINO...



Descobrimos, por mero acaso, esta fotografia num arquivo em que procedíamos a «limpeza»...

A primeira vista nada notámos de especial e só mesmo por milagre não foi parar ao cesto dos papéis... É que, num exame atento ao verso descobrimos os nomes dos componentes da turma: Simões, João Carlos e Manecas, Chico,

Carlos Leandro e Tomé, Artur, Alfredo, Travassos, Macho e Vitaliano. O nome do avançado-centro chamou-nos a atenção e qual não foi o nosso espanto quando reconhecemos nele aquele que viria a ser um dos maiores nomes do futebol europeu.

De «pequenino se torce o pepino» e Travassos começou bem cedo!

Curiosidades do XADREZ

— A partida de Xadrez mais rápida que é possível jogar tem a duração apenas de dois lances... e têm de ganhar, sempre as pretas.

— No século XIX apareceu em França um «autómato» que jogava xadrez e bateu-se com personalidades de destaque na época, entre as quais Napoleão, vencendo-o.

Porém, mais tarde, descobriu-se que o autómato ocultava um homem...

— Portugal teve um grande escritor de xadrez; Damião, que foi botleário em Odemira.

Viveu no século XVI e manteve reedição das suas obras durante... 300 anos.

«E A LUZ BRILHOU NAS TREVAS...»



Fátima — mar de luz, brazeiro das almas



A velha e sempre nova academia coimbrã estende as capas à passagem do Legado Pontifício.



Procuram os homens a Luz que vem do Alto e afasta todas as trevas.



«E a Luz brilhou nas trevas...»

TODA A REPORTAGEM DE FÁTIMA É DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL NEVES DE SOUSA E A FOTOGRAFIA DE C. MADEIRA

Parto de Lisboa numa manhã nevoenta, igual a tantas, diferente de todas. Nesta hora de Fé todo o Mundo está presente connosco, os que nos dirigimos para Fátima. Nos que ficam há lágrimas mais tristes que um Adeus.

A estrada é uma alcatifa de sonhos, esperanças e sorrisos. Por todos os lados a mesma simpatia, a mesma atracção devota pela Virgem. Lenços a acenar, colchas ondulando em janelas floridas. E sempre a fita negra dos peregrinos, ondulante, serpenteando pela estrada imensa.

Passamos Aljubarrota — batalha de corpos — e encaminhamo-nos para Fátima — batalha de almas. Casais de camponeses seguem para a nova ROMA levando nos braços robustos dádivas dos seus campos e do seu Deus. O aroma dos pinheiros ajuda a embalar o filho pequeno.

De luvas brancas como as pombas de Iria os cantoneiros solícitos orientam o trânsito. Vamos para onde a terra acaba e o céu começa. Todos estão presentes. E os romeiros continuam a desfilar velozes, empolgados pela ânsia de chegar.

Batalha. Vitrais multicores no marfim antigo do calcêreo patinado. Miró de relance a Arte de Afonso Domingues, êmula de Bernardes e de Vieira. E as capelas, a que teimam chamar imperfeitas (há coisas que só se terminam no Céu!), ficam, de novo, para trás. Se o nosso carro deslisa, o pensamento já voou há muito.

Tranquila, Princesa, sufocando pela magnitude do Espectáculo que se avizinha, surge a Serra d'Aire. Começamos a escalada. Outono. O sol deixa no poente a Saudade. Um leve sussurro. Estamos próximo!

O dia continou cinzento, triste. Havia de ser assim na sexta-feira de Parasceve, quando o Filho do Homem enveredava para o Gólgota.

★

São aos molhos os lenços acenando na tarde nevoenta. Uma Cruz — sinal de Paz. «Hossana, Rainha de Portugal...» Versos simples que imploram, com a ternura na voz e a singeleza do cantar dos humildes que ali estarão prostrados aos pés da Senhora, perdão e absolvição. «Avé, avé, Maria...» E os cânticos continuam numa vibração crescente.

Cai chuva. Ninguém se rende. Não se vê o mais leve sinal de desânimo, como se a chuva, miudinha e tímida ante a solenidade, não fosse afinal um degrau do Sacrifício.

E o P vo continua a cantar numa cadência ingénua. Já parou de chover. Cristo oferece-nos a sua misericórdia. Aproximamo-nos da Capelinha das Aparições. O coro, comovido de emoção, repete sem cessar os cânticos litúrgicos. Breves momentos de recolhimento e oração. Voltam a agitar-se lenços, trémulos, leves e saltitantes como as pombas do Milagre. Ninguém deixa de rezar — a cantar. Frenesi. Por entre os cordões, que a avalanche humana tende lentamente a quebrar, vão desfilando as altas individualidades que emolduram o Cardeal-Legado. «Senhora Mãe de Deus, rogai pelo Mundo...» Ele aqui está aos vossos pés, rogando-Vos compaixão e amor.

Recomeçou a chover. Ninguém sente. Longe, até perder de vista, milhares de gargantas que cantam. É um oceano de almas, o que nos cerca.

Silêncio. Fala o representante do Pai Comum. O céu desanuvia-se um pouco e a chuva torna a quedar-se recatada. Lá em baixo a multidão ondulante está absorta, contemplando. Agitam-se corações que sofrem e que vibram. Acende-se a primeira vela que a chuva não pode apagar. «Hossana, Rainha de Portugal...»

Há um leve acenar na agonia da tarde que tomba. «Virgem Maria, rogai por nós...» Todos se curvam. Delírio. Tudo tomba em redor da imagem lílial.

★

«Sobre os ramos da azinheira». Aqui estou errante, só entre milhares. É hora de sonhar. Há perfume na noite. Focos em brasa dilaceram o céu. «Senhora da Paz...» E sempre, sempre aquela luz imensa que lembra um archote de almas. Pranto, Dor, Alegria. As velas formam altar onde a Cruz assenta. Sentimo-nos nas alturas da Redenção.

E a procissão continua, continua ainda além dos dilatados limites daquele planalto verde-rosa que a Virgem escolheu para se revelar. «Tu viste, ó Mãe clemente...» irradiar luz tão intensa que cega os que não querem ver. Volta de novo. Senhora, a «visitar a lusa gente, de quem és a Padroeira...»

O vento não dobra um galho. Reina o espiritual. Nesta estrada luminosa sem fim está um soluço insistente amarfanhando o peito daquela gente toda. Correm lágrimas. «Perdoi-nos, Senhora...»

Constela-se de estrelas o céu. Tocam sinos na Basílica. Noite azul sem igual. Paz na terra, aos homens que se voltam para Cristo.

A deslumbrante apoteose de FÁTIMA



A Virgem de Fátima é conduzida em triunfo pela briosa Guarda Nacional.



As realzas da Terra em preito de vassalagem à Rainha dos Céus.



O Senhor Ministro da Presidência — Representante do Chefe do Estado — e grande parte do Ministério assistem às funções religiosas de Fátima.



Jesus, nas mãos do Eminentíssimo Cardinal Patriarca, passa fazendo o bem.



Em renovação do Calvário ergue-se o Altar perante a multidão imensa, sôfrega do Amor e Resgate de Cristo.



Na bendita Imagem da Cova da Iria estão postos os olhos do Mundo todo.



«Senhora, aquele a quem Vós amais — o vosso Bispo de Fátima — está enfermo!»



O Rei de Itália, depois de cumprimentar a Esposa do Chefe do Estado, saúda a Irmã do Papa.



O ilustre Cardinal Legado deixa-se contagiar pelo entusiasmo da mais enorme de peregrinações.



O encerramento do Ano Santo em Fátima foi a maior das glorificações de Cristo e da Igreja nos últimos tempos.

A Capela das Aparições é um manto diáfano cheio de flores lindas. Começam a chegar doentes. Passam romeiros de velas acesas — pedaços incandescentes, em chama rubra. O sol abrasa. Parece que as mãos da Senhora têm acenos de afago e carícia para a multidão. Lenços e anjos. Muitos anjos e muitos lenços. Uma floresta de imaculada brancura. Cova da Imponência. «Em nome do Pai...»

O terço tem reflexos de ouro na manhã radiosa. Claro-escuro impressionante. São débeis, velhos e martirizados, que vieram aqui em sacrifício, de rastos. Lágrimas e cânticos. «Glória a Deus nas alturas...» E o coro repete: «Glória a Deus...»

No seu ritmo de melopeia celeste os sinos do Templo chamam à Realidade e convidam a entrar. «Aqui repousam os restos mortais de Jacinta Marto a quem Nossa Senhora apareceu», resa uma lápide muito branca. Uma luz trêmula e mortiça sobre a campa da feliz vidente.

Cobrem-se de lama os tornozelos. O percurso é difícil mas nunca pareceu tão fácil. Vamos para a frente. Olhai a terra lavrada pelos nossos arados! Tocam clarins. A bênção de Deus cai sobre a Cova da Iria e alarga-se pelo Mundo além. Acabou o Ano Santo. São treze horas e cinquenta e três minutos.

Ouve-se a voz sacrossanta do Vigário de Cristo. Silêncio absoluto na multidão inumerável.

O Mundo está todo concentrado em Fátima.

«Sob o materno olhar da celeste Peregrina não há antagonismos de nacionalidades ou estirpes que dividam, não há diversidade de fronteiras que separem»

Explodem ovações, repercutem-se palmas estrondosas.

«Hossana ao filho de David...»

Procede-se à Bênção dos Doentes.

Piedade, Amor. «Vós sois a Ressurreição e a Vida»... Gentes, para quem a ciência humana não pôde valer, acorrem chorando, pedindo de mãos erguidas, crispadas. Um pequenito, mutilado, verga pela emoção. «Nós temos confiança em vós...» E a Virgem lá está, sorridente, terna como Mãe que é.

Tremulam ao vento bandeiras e pendões. «Senhor, fazei que eu veja»... Esperança. «Senhor fazei que eu ouça...» Lágrimas quentes como achas, dilacerantes como gumes. São lágrimas de mães, esposas e filhas. São lágrimas dos que se dizem fortes.

«Convertei os pecadores...» Paralíticos que pedem Vida. Lenços molhados pelas lágrimas da gente portuguesa. Está de joelhos a Nação. E com ela o Universo. Espadas viçadas para o rumo verdadeiro. As vozes são apenas um murmúrio a perder-se na tarde que se avizinha. O Povo confunde-se no cenário da Natureza. «Hossana, Rainha de Portugal...» E os lenços vão parando de se agitar. Adeus, ó Fátima...

Ontem foi subida de Calvário, actualização da paixão do Senhor. Hoje é manhã ridente de aleluia, é garantia de um Mundo melhor. Ou Fátima, na sua divina mensagem...

Ou destruição apocalíptica da dignidade humana!



Assistiram às cerimónias da Catedral figuras de alto relevo diplomático e social, além dos congressistas e de inenso povo.

Abriu o Congresso solenemente com Pontifical na Sé de Lisboa, celebrado pelo Eminentíssimo Cardeal Patriarca, que pronunciou uma admirável oração.



CONGRESSO MUNDIAL SOBRE A MENSAGEM DE FÁTIMA E A PAZ



À sessão inaugural no Palácio da Assembleia Nacional presidiu o ilustre Chefe do Estado.

O Presidente da Comissão do Ano Santo, Senhor Arcebispo de Milene, o primeiro orador do Congresso.



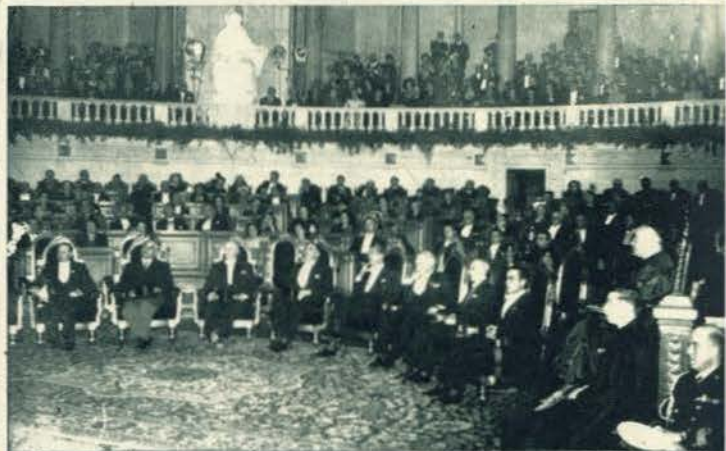
Entre os distintos oradores marcou a palavra forte e autorizada do Senhor Ministro da Justiça, Professor Cavaleiro de Ferreira.



S. E. o Cardeal Legado mostra carinho especial pela Imprensa Católica, em conversa cheia de interesse com Mons. Avelino Gonçalves, o grande responsável de «Novidades» e «Flamã».



Encerramento apoteótico do Congresso da Mensagem de Fátima, no Palácio dos Desportos, sob a presidência do Cardeal Legado, com a assistência de quatro Cardeais — Senhores Patriarca de Lisboa, Primaz de Toledo, Arcebispos de Lión e Lourenço Marques, Episcopado e Senhores do Governo. Vemos na fotografia o Embaixador de Portugal no Vaticano, Dr. José Nosolini, a discursar.



Assistiram os Eminentíssimos Cardeais Portugueses e o Governo em pleno à sessão de Abertura do Congresso de Fátima, na Assembleia Nacional. Na foto vemos em destaque o Senhor Cardeal Patriarca.

1

Vem a música a terreiro. Não posso considerar-me (porque não devo) um conhecedor da arte sublime de Orfeu. Al de mim, que além do conhecimento da pauta e das sete notas musicais, pouco mais me sobeja na ciência da música! No entanto, confesso-me melômano, amigo da música. Sinto-a. Com ela quase choro e por ela — tantas vezes! — me reconheço arrebatado para um mundo que não está na Terra.

Os meus ouvidos, que são incapazes de classificarem um som na escala musical, são sensíveis à harmonia, ao ritmo ou ao colorido; os meus olhos, a que escapam minúcias de técnica de execução, reconhecem a beleza do gesto, o virtuosismo dos movimentos ou o enlevo sincero do bom executante; e a minha alma, fechada aos pormenores e mecânica das sonatas, suites ou concertos, aprende a beleza que, porventura, tais composições contêm e chora e ri consoante a música exprime tristeza ou alegria.

Não me velo este gosto por geração espontânea. A verdade é que — lá vai um nome — Tullio Ferrandier é mais do que meu amigo e é um soberbo intérprete de piano. Muito aprendi com ele nos segredos de sentir e saber ouvir a boa música. Escutando-o tantas horas seguidas a martelar as teclas do seu piano, ora com a violência dum trecho beethoveniano ora com a doçura dum nocturno de Chopin, escutando os mais os breves comentários esclarecedores acerca de um significado mais subtil ou de uma confissão de artista — escutando, enfim, música interpretada a primor e curtas lições de interpretação, aprendi, de facto, a sentir e a saber ouvir música, se bem que num grau que reconheço modesto.

Devo esclarecer que não foi nas salas de concerto que ouvi Julio Fernandes. Aliás, a pena que este nome nada represente no meio musical, por sempre se ter aliado e fugido às estridências de programas ou aos aplausos das plateias. O meu amigo, muito instado, colaborou certa vez numa festa íntima; por obrigação, exibiu-se nas salas do Conservatório Nacional. E foi tudo!

Não abandonou o piano; mas aferrou-o em sua casa, o acariolina com enlevo e passa horas horas a tocar para si mesmo, buscando nuances e executando maravilhas, e deixando egoistamente a sua Arte perder-se no meio de quatro paredes suadas e apáticas.

Lamento que o não consiga trazer à luz da crítica, porque ele se nega.

Assim se vai perdendo um valor... Eu — e meia dúzia escassa de amigos — ouvimo-lo em Chopin ou Schumann, em Liszt ou Beethoven, em Vianna da Motta ou Falla, e reconhecemos sem esforço o aprimorado da música que ele nos oferece. Somos felizes, é certo; mas Julio Fernandes, moralmente, rouba ao próximo a Arte que Deus lhe concedeu para distribuir pelo mundo.

Fernandes! Por que não enfrentas o teu dever?

2

* Maria de Lourdes, desta minha nobre Lisboa, escreve uma carta a pedir que lhe fale de... Moda! Ora com franqueza!

Porém, sempre te digo, Maria de Lurdes (desculpa a grafia, sim?), que nada sei de chapéus ou vestidos, de saias ou de blusas; que não conheço sequer os nomes dos famosos costureiros da Rue de la Paix; e que, sobre o assunto, tenho ideias definidas que passo a explicar: a moda deve ser sempre seguida pela mulher; mas (espera-se «mas», heim!) o limite da escravidão está no bom senso e na estética. Quanto ao mais, Lurdes mais roda ou menos roda, mais enfeite ou menos enfeite — as Lurdes ficam sempre bem e graciosas.

2

Glosando o tema: Teatro. Em conversa amena com João Villaret, cotovelos assentes na pedra negra dum mesa da Brasileira do Rossio, calhou em fala uma bre-



CONVERSANDO...



Secção de GIL PEREIRA

ve referência ao teatro. Falou-se na abertura do Monumental, nos teatros fechados e, como não podia deixar de ser, na crise actual.

Tenho para mim que o ponto crucial de tal crise reside nos preços elevados que se pagam para ver peças mediocres. Ora pagar muito pelo que pouco vale basta para justificar os fracassos constantes que batem à porta dos empresários. O próprio género musicado ou revisiteiro ressentia-se da crise, ainda que de forma mais atenuada.

Depois, temos que o cinema... etc... etc...

No entanto, regista-se aqui a opinião de Villaret, a qual, convém frizar, foi emitida sem preocupações, durante uma ligeira conversa e, portanto, sem remota suspeita de que viesse formar-se em letra redonda.

«Dêem bom teatro e bons intérpretes ao público e ele acorrerá. O público continua fiel ao espectáculo; o espectáculo é que não tem sabido manter-se naquele nível a que o exigente público estava habituado.»

Sem comentários, aí fica um interessante documento ao qual não se pode negar autoridade, já que está assinado pelo mestre e incomparável actor-declamador, João Villaret.

3

A graça e simpatia do popular Odyr Odillon são filhas de si mesmo e não merecem representações diante dos microfones. Se o amigo leitor acaso o conhece pessoalmente sabe bem que assim é: a mesma graça e a mesma simpatia que lhe valeram um lugar à parte no mundo da rádio, manifestam-se em simples e despreocupadas conversas numa mesa de café ou aqui na redacção da «Flama».

Odyr Odillon trouxe para os microfones nacionais não só o real valor da sua voz própria para a interpretação do folclore brasileiro, como o segredo da comunicabilidade, que ele consubstancia com tanta perfeição. E esta comunicabilidade provém, precisamente, da graça e simpatia que o festejado canconetista irradia a todos.

No entanto, Odyr Odillon tem uma maneira muito pessoal de explicar o seu êxito. Conversando com ele há dias na nossa redacção (ele visita-nos com a frequência característica dos amigos) veio a talhe de foice falar da sua ausência no passado festival da coroação da Rainha da Rádio Portuguesa. Confessou-nos a sua máguia por não ter podido comparecer, apesar de tudo ter feito para isso.

«Estava em Luanda, «minino», em vésperas de partida para Lisboa. Ofereceram-me um vantajoso contrato para o domingo seguinte, garantindo-me a passagem no avião da Pan American; porém, recusei-o. Queria regressar a Lisboa o mais depressa possível e aqueles 3 dias de demora não estavam no meu programa. Não cheguei a tempo da vossa festa, é certo; mas...»

— Mas o quê, Odyr?
— É que Papaizinho do Céu tinha-me aconselhado; não fiques em Luanda, «feloção»! E o avião da Pan American veio a despedacar-se nas montanhas do Norte de África...»

Alguns comentários judiciosos engrinaldaram este episódio singular que o Odyr nos contou. Depois, mais uma pergunta:

— Que diz, Odyr, ao seu público?
— Oh, o público tem-me acariornado dum forma inexecidível! Quisera gritar o meu reconhecimento

aos quatro ventos, para que esse amigo anónimo soubesse quanto aprecio o seu carinho e quanto, por minha vez, lho retribuo. Julgo, todavia, que é cantando com ele as canções de que ele mais gosta que lhe faço sentir a gratidão que me enche o peito.

— Mas afinal, Odyr, a que atribui o seu êxito junto do público?
— Eu, lhe digo, seu moço. Como sabe, eu estava «escondido» na companhia de teatro da Alma Flora. Tinha comigo uma fé que a ninguém confessava. Acalentava-a com carinho. Certo dia, Papaizinho do Céu apontou para mim e disse: vou ajudar aquele «feloção»! E pronto! Com a ajuda de Deus tudo é fácil... O público reparou em mim, apoiou-me, incitou e aplaudiu e, por fim, veio a APA ter comigo para lançar-me definitivamente nos braços acolhedores do bom público de Lisboa. E sinto-me bem, de verdade!»

Pois que continues a sentir-te bem, Odyr, são os nossos votos. Boa-sorte!

4

Quando publiquei o primeiro «Conversando...» cheguei a sonhar com uma avalanche de correspondência. Não saí em avalanche; mas num cacifo da redacção havia algumas cartas para esta secção.

Vou responder a uma dessas cartas, subscrita com o nome bonito de Maria Luisa e que traz no envelope o carimbo da Invicta Cidade.

Iria apostar em como conheço a tua letra, Maria Luisa... (Que fique assente, uma vez pelas mais, que este familiar tratamento por tuas é-me ditado pela simplicidade de forma escrita e, ainda, por via de pretender notar que, em absoluto, escrevo para um leitor que não vislumo nem personalizo, quero dizer, para um leitor que, em si, re-

presenta todo o aquele que me leia e converse comigo).

A Maria Luisa limita-se a dizer em meia dúzia de linhas que sou uma pessoa feliz pelo facto de poder falar com tanta gente por intermédio da «nossa magnífica Flama» e que compreende e aplaude a iniciativa de «Conversando...».

Pois me servem de grata consolação as tuas palavras, Maria Luisa. E dou-te razão em duas coisas: sou feliz ao falar contigo e com os mais e também afirmo a sorte de servir «na nossa magnífica Flama».

Que mais dizer-te, Maria Luisa, senão que me escrevas quando possas e queiras, na antecipada certeza de que me serás agradável? Até breve, sim?

5

Outra carta, outras palavras, outra maneira de sentir... Veio-me da Covilhã e está assinada por A. Silva. Trata-se dum rapaz e pela forma como se me dirige parece que me conhece pessoalmente. Confesso, aliás pouco diplomáticamente, que não me recorde de que um senhor A. Silva haja entrado no círculo dos meus conhecimentos. De resto, pouco importa isto.

A carta de A. Silva começa por uma conjugação prolixa de adjetivos e acaba por me pedir que fate no Sporting da Covilhã! A que propósito, Silva? Queres que aqui pessegue o historial do clube da tua simpatia? Não pretendo melindrar-te nem, muito menos, o teu valeroso Sporting; mas, francamente, achas que, assim sem-tir-te-nem-guar-te e a propósito de não sei que fantasia, deva discorrer sobre os futebolistas serranos? Não achas, pois não?

Podé ser que um dia tenha cabimento o teu pedido. Por agora... Bem, por agora conseguinte o teu intento, pois já muito escrevi sobre o que afirmara achar inoportuno escrever...

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Companhia de Seguros Fidelidade

LISBOA

L. CORPO SANTO, 13

NOVIDADES é diário de máxima categoria Lede-o, assina-o e propaga-o



TRABALHO DA NAÇÃO
PARA A ECONOMIA DA NAÇÃO

EM CASA,
NOS NEGÓCIOS
NO TURISMO,

—a sua fiel
colaboradora
será sempre

a

SACOR

flama

HUMORÍSTICA

Excesso de entusiasmo

Há duas horas que Mário é pai dum robusto pimpolho. Não cabe em si de contente; já vê nele o seu herdeiro; há-de chamar-se Mário como ele.

Batem à porta. Mário vai à janela, debruça-se e vê o carteiro. E pergunta:

- Que há?
- Um telegrama.
- Para quem?
- Para o Sr. Mário.
- Para o sr. Mário pai ou filho?

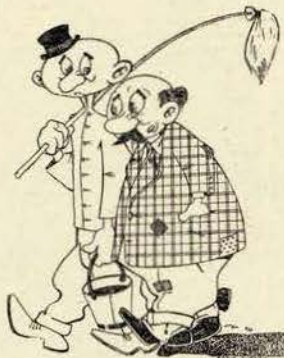
*

Das duas, uma

O freguês: Este vinho é realmente famoso!...

O dono lá para consigo: De duas, uma: ou ele não entende nada de vinhos, ou, então, é o maroto que mo fornece...

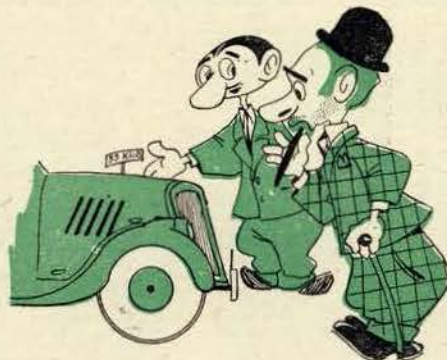
*



— Quando vem o bom tempo costumamos dar o teu passeio até ao mar?

— Decerto, todas as semanas conto ir e passar lá quinze dias.

*



— Este modelo não é mau; mas não terá um do mesmo género com mais rodas? É que eu sou um homem cheio de pressas...



O cliente: O senhor é capaz de me dizer porque é que só vendem lentes negras?

O empregado: Foi o patrão que morreu e a casa está de luto.

*

Convite

Um convite de Calino:
«Jantam amanhã comigo alguns amigos. Nós somos nove, e eu contava dez. Queres ser o zero?...

*

Os primeiros problemas

— Que tal o teu professor?
— É muito mentiroso. Ontem disse-nos que 5 mais 4 é igual a nove; hoje diz-nos que 3 vezes 3 é igual a nove.

*

Má política

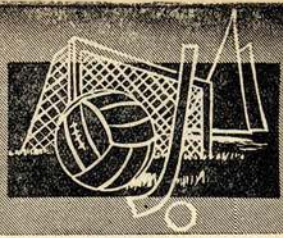
Num centro político. Um deputado:

— O meu amigo diz-me que não tenho feito nada na Câmara durante a actual sessão legislativa? Não reparou que já fiz setenta perguntas ao governo?

O outro deputado:

— Setenta perguntas! Safa! Não imaginava que você era tão ignorante!

DESSPORTOS



NACIONAL DE FUTEBOL

O SPORTING APROXIMA-SE

JOGOS EM LISBOA

Excesso de confiança

Só quem não assistiu ao encontro entre o Atlético e o Sporting de Braga poderá ficar surpreendido com o resultado final, empate a duas bolas, quando todos os prognósticos davam como certa a vitória alcantarense, mais ou menos expressiva. Porém aqueles que se deslocaram à Tapadinha ficaram com a impressão de que, de certa maneira, foram os bracarense que consentiram o empate quando o seu triunfo era já dado como certo e justo. Certo porque até 7 minutos do fim a defesa de Braga usou dum dispositivo perfeito, marcando estreitamente Ben David e reduzindo assim grandemente o poder ofensivo dos locais. Justo, porque até então tinha sido a equipa de Braga a que melhor soubera explorar os erros dos contrários.

Mas estava escrito que os alcantarense não sairiam derrotados. Fruto duma grande insistência, traduzida em domínio forte durante a segunda parte, Armando Carneiro conseguiu em remate de recarga colocar as equipas em igualdade. Os desceus do norte haviam sabido seguir convenientemente os avançados de Alcântara, porém sem forças já para tornar extensiva essa acção aos médios de ataque adversários e a estes compete também o remate final. Pudemos concluir que sendo justificável a vantagem bracarense por acertada acção de conjunto é igualmente justo o empate final pela inspiração dum jogador que, na altura própria, soube penetrar-se da missão que na equipa lhe é reservada.

Entre diversos aspectos curiosos que teve esta partida há que realçar a maneira diferente como o Atlético conseguiu os seus golos. O primeiro, depois de uma série de jogadas bem concebidas, executadas com calma, num estado de espírito de confiança no seu próprio poder e na apregoadá a acção dos adversários. Os primeiros 20 minutos do Atlético foram realmente excelentes. O segundo já sem calma, sem método, apenas energia e enorme vontade de vencer. Jogando em força o grupo já não pensava. A bola para a frente, de qualquer maneira, aguardando um deslize dos antagonistas. Esse deslize apareceu, nas condições já apontadas, e com ele o almejado empate.

Este jogo serviu de lição para os alcantarense em que o custo foi de um ponto na tabela. Lição de resto para todas as equipas que encaram com demasiado a vontade os desafios de que se supõem seguros vencedores. Tal estado de espírito é duplamente prejudicial, primeiro pelo nervosismo que criam ao não conseguirem prontamente uma vantagem material, expressa em golos a maior, em segundo lugar pela acção pronta da equipa que julgavam mais fraca, incapaz portanto de os subjugar.

Assim sucedeu na Tapadinha. A maneira como os locais iniciaram a partida e bem assim a marcação do primeiro tento robusteceram-lhe a confiança inicial a ponto de se

desorganizarem quase completamente quando antes do intervalo se viram batidos e logo dominados.

Pode o Atlético considerar-se satisfeito de ter pago tão pouco por tão grande lição.

V. O.

Energia... e pouco mais

O título com que encimamos estas linhas representam, quanto a nós, uma síntese perfeita do que foi o último Benfica-Oriental.

Além da energia dispendida a todos por ambas as equipas (com a do Oriental em primeiro lugar), pouco mais vimos durante os noventa minutos da partida.

Técnica? Tática? Andaram muito arredadas, aparecendo fugazmente, aqui e além, como se tivessem medo de se mostrar claramente a luz brilhante deste sol de outono. E foi pena, pois os milhares de espectadores que emolduravam o campo dos encarnados saberiam acolhê-las com entusiasmo.

Confrange-nos ver equipas da categoria dum Benfica exibirem um futebol tão pobre de concepção. O lance bem urdido, com as pedras a movimentarem-se inteligente e a receberem a bola como «coisa normal», sem precipitações, vimos apenas três ou quatro. Predominou, sim, o pontapé ao acaso, sem direcção pré-concebida, e tantas vezes para o ar. Apenas Francisco Ferreira se esforçou por baixar a bola, mas nem sempre foi correspondido.

Dos vários sectores encarnados, pode dizer-se que nenhum se salientou, se bem que a linha média fosse o melhor compartimento, talvez por influência de Francisco Ferreira — um jogador com J grande.

A defesa esteve incerta, com Felix a exhibir falhanços pouco próprios dum jogador da sua categoria.

A linha avançada, sem saber entender-se, teve em Rosário o seu melhor elemento. Batalha apagou com as suas indecisões e desconfortos fteente à baliza todo o esforço e bom trabalho dispendido a meio campo.

Com a saída de Águas, por lesionamento, a linha dianteira benfiquista afundou-se ainda mais, perdendo algo do seu poder de infiltração.

No Oriental merece destaque o apego à luta e o entusiasmo com que procuraram a baliza. As duas bolas, mais consentidas pela defesa encarnada do que concebidas pelos orientalistas, são justo prémio dessa tenacidade.

O trabalho do árbitro não foi isento de falhas, se bem que os visitantes talvez tivessem protestado em proporção muito maior aos seus deslizes...

Antes de começar o encontro, o Sr. Rebelo da Silva entregou ao vice-presidente do Benfica a «Taca de Ouro» com que os sócios e simpatizantes do popular clube qui-

seram perpetuar a vitória do seu clube na «Taca Latina».

Cerimónia simples, feita «em família» mas que mereceu muitas palmas dos milhares de espectadores que enchiam o campo.

C. C.

FESTAS DE HOMENAGEM

A JOAQUIM BRÁS DO BENFICA

Por iniciativa duma Comissão de sócios do Sport Lisboa e Benfica, realiza-se no próximo dia 23, no Pavilhão dos Desportos, um sarau desportivo em homenagem ao internacional de Râquebi daquele clube, Joaquim Brás, que há quatro anos, num jogo contra o S.E.U. de Madrid, teve a infelicidade de fracturar uma perna ficando impossibilitado de trabalhar.

O programa comporta um torneio de futebol de salão, saltos em mesa alemã, patinagem artística e um desafio de hóquei em patins entre o Benfica e o Campo de Ourique.

A ARMANDO FERREIRA DO SPORTING E BARREIRENSE

Também no próximo dia 25 se realiza no Estádio José Alvalade uma festa de homenagem ao ex-jogador do Sporting Clube de Portugal e treinador do Barreirense, Armando Ferreira.

Haverá três encontros de futebol: Juniores do Benfica com igual categoria dos Belenenses; Sport Lisboa e Saudade com Leões da Velha Guarda; e Sporting-Barreirense em 1.ª categoria.

A SEMANA DESPORTIVA

— Eugénio de Jesus, cicloturista do Benfica e a sua equipa ganharam a «Rampa Heliodoro Salgado», em que concorreram elementos do Sporting, Belenenses Benfica, Atlético, Casa Pia, Olivais, etc.

— Para a taca «Dr. Virgílio Paula» em futebol, registaram-se os seguintes resultados: Benfica, 3; Oriental 0; Atlético, 0 — Sporting, 2; Estoril, 4 — Belenenses, 0.

— O Algés está à frente da classificação do torneio de Water-Polo, «Comandante Tenreiro».

— Andebol: Sporting, 8 — Almada, 3; Académica da Amadora, 4 — Benfica, 7; Belenenses, 17 — Glória, 5.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS



LISBOA

L. CORPO SANTO, 13

TAUROMAQUIA

PÁGINA DE SARAIVA MENDES

PORTUGAL TEM EM ANTÓNIO DOS SANTOS E FRANCISCO MENDES DOIS GRANDES TOUREIROS

ANTÓNIO DOS SANTOS sai em ombros pela porta grande da MONUMENTAL DE MADRID



Madrid viu há pouco na sua praça a apresentação de mais um toureiro português pelo estilo, valor e finura do seu toureio, se elevou aos mais altos postos da novilharia.

Não é impunemente, à sombra dum comodismo pernicioso ou na indiferença apática para com a sua profissão que se consegue triunfar na difícil escala da tauromaquia.

Dominar-se a si próprio, vencer o meio ambiente, com uma personalidade forte, sem ser desmedida, saber da sua arte, entregando-se a ela com amor e paixão, só assim se consegue triunfar na profissão que escolhemos, mormente na de toureiro.

A palavra sacrificio não deve ser encarada com tristeza mas sim com a alegria confiante e certa de que é um degrau, difícil mas necessário para se triunfar.

É este o caso de António dos Santos. Dia para dia vem afirmando a classe do seu toureio, sem alardes, mas com a consciência plena da sua afi-

ção, com a garantia segura do caminho trilhado.

O seu nome não é laureado com publicidades vãs, falhas da essência substancial imprescindível à sua Arte.

Não!

Foi a Badajoz alternar com as figuras máximas da novilhada: Litri e Aparício. Pois foi António o primeiro a dar a nota e interesse. A primeira orelha dessa novilhada foi para o português. Voltou à mesma praça fronteiriça e outra vez com as figuras do ano — Ordoñez e Manolo Vásquez — é o primeiro a cortar a orelha.

Corre toda a península e em todas as terras, desde o «pueblo» às cidades como Barcelona, Bilbao, S. Sebastian e outras é aclamado e considerado entre os primeiros.

Pois foi este rapaz, alto e esguio, de aspecto triste e melancólico, que depois de duas grandes faenas na maior praça do mundo e frente ao público mais exigente entusiasmou os madrilenos que o obrigaram a dar voltas ao ruado e o sacaram em ombros pela porta grande.

Este facto não podia passar despercebido da afição portuguesa que com tanto carinho acolhe os portugueses que procuram elevar o toureio a pé, em Portugal.

E ao terminar escolho uma frase do grande crítico espanhol Corinto y Oro, acerca da apresentação de António na Monumental: «En Madrid ha entrado un torero «señor»».

UMA GRANDE ESTOCADA DE Rafael Ortega E UM TOIRO EXTRAORDINÁRIO

O Festival realizado no Campo Pequeno a favor do Cofre de Assistência da P. S. P. e do Patronato de Benficia registou uma verdadeira enchente aliada à maneira agradável como o espectáculo decorreu.

Simão da Veiga sempre ardoroso no seu toureio alegre e movimentado arranca grande ovação.

João Núncio, a quem coube o pior toiro de cavalo, lutou-se também nos seus ferros, na sua maneira própria e inconfundível da arte de tourear.

Foi o artista de sempre. Foi Núncio que toureou. Dá volta ao ruado.

Rosa Rodrigues fez-se aplaudir, igualmente, na sua ferragem.

A Manuel Conde saiu o toiro mais bravo da corrida e um dos mais bravos que têm aparecido nestes últimos tempos em arenas portuguesas.

Era o toiro ideal para o valoroso cavaleiro triunfar.

Toureiro de emoção e de verdade Manuel Conde obteve um grande êxito neste nobre e voluntarioso animal que arranca ao mais pequeno cite com prontidão, velocidade e alegria. Um toiro que honra uma ganaderia. Grandes ovações com voltas à arena premiaram o trabalho do cavaleiro de Canecas, que foi acompanhado numa das voltas pelo elandero Infante da Câmara.

«El Bom» que substituiu Manolo Carmona deixou fraca recordação da sua passagem.

Cajetano Ordoñez «Niño de la Palma» vem fazendo progressos nesta temporada. Vistoso e toureiro com o capote foi aplaudido em vários cuíves, bem como de banderilhas a câmbio.

Na muleta faz uma faena interessante, com valor e arte. Dá volta ao recondel.

Rafael Ortega foi incontestavelmente o triunfador da tarde. Aquelas verónicas bem desenhadas e jogando bem os braços mereceram justamente as palmas que ouviram.

Com a flanela desenhada duas séries primorosas de naturais correndo bem a mão e levando a rês sempre embebida na muleta. Remata estas séries com 2 forçados de peito, muito bons, sobressaindo-se, no entanto, o último que foi um monumento.

Marcando todos os tempos e executando a sorte suprema com toda a perfeição, Rafael Ortega deu uma lição da arte de estoquear.

Deu volta com ovações.

Fernando Segarra não esteve nas suas tardes. O novilho foi o pior da tarde e Fernando, apesar do valor demonstrado e da sua boa vontade, não conseguiu luzir-se.

O Grupo de Forçados Amadores de Santarém, capitaneados por Ricardo Rhodes Sérgio, fizeram 4 valentes pegas de caras.

Os bandarilheiros cumpriram. No intervalo a sr. Condessa da Torre, Presidente do Patronato de Benficia e o sr. Cap. Mata Loureiro ofereceram aos artistas uma recordação do festival.

Todos estes se apresentaram com um fumo no braço em sinal de luto pela morte do valente bandarilheiro Manuel dos Santos.

Algumas faenas foram brindadas ao matador Manuel dos Santos que presidiu a corrida e que foi alvo de carinhosas ovações.

Dirigiu o espectáculo Ivo Borba.

ESTOCADAS

CURRO CARO DESPEDIU-SE DO TOUREIO

O conhecido e popular bandarilheiro Manuel dos Santos faleceu há dias, com 80 anos. Dos melhores bandarilheiros do seu tempo, como Teodoro Gonçalves e Jorge Cadete, o velho Manuel dos Santos grangeou muitas simpatias no meio aficcionado, onde era muito estimado.

No coração de todos aqueles que o conheceram ficará para sempre a saudade da conversa alegre e chistosa do probo director de corridas e Valoroso bandarilheiro. Paz à sua alma.

*

Aos ganaderos Pablo Romero foi concedido o prémio que o Rizador, toiro daquela ganaderia, ganhou, por votação, durante a Feira de Santo Izidro, e que foi estoqueado por Manuel dos Santos.

Este prémio é instituído anualmente pela empresa madrilenha para o melhor toiro da izidrada.



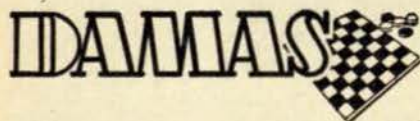
Curro Caro despediu-se do toureio, no passado dia 30 de Setembro, na Monumental de Madrid, onde alternava com Manolo Carmona (que cortou uma orelha) e António Caro, com toiros do Duque de Pinohermoso.

Curro teve uma boa faena no primeiro, em que cortou uma orelha, depois de uma estocada magistral.

Mais um toureiro que se retira do firmamento tourino depois de dezassete anos devotados à sua profissão.

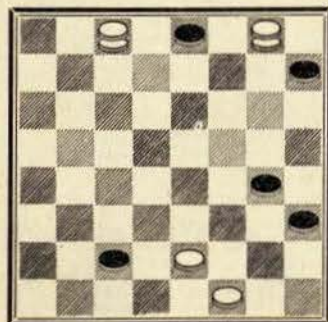
Somente foi pena que Curro Caro não tivesse feito mais um pequeno esforço para chegar onde as suas condições o levavam.

PASSATEMPOS



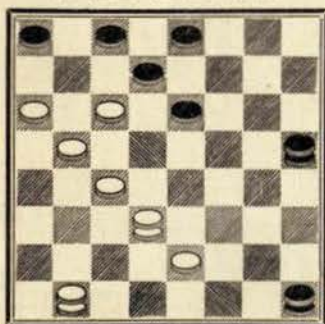
Direcção de ANTÓNIO MENDES DOS SANTOS
RUA DE SANTA MARTA, 48 — LISBOA

N.º 105 — PROBLEMA
por Trabuço (Evora)



Jogam as brancas e ganham

N.º 106 — PROBLEMA
por Jacinto Joaquim (Tomar)



Jogam as brancas e ganham

Solução do problema n.º 89 (só jogadas das brancas):

23-27; 24-28; 19-20; 2-5; 21-26; 3-31; etc. G.

A pedra da casa 3, deve ser substituída por uma dama.

Solução do final de jogo n.º 90:

1.ª hipótese:

20-23, 5-1; 24-28, 1-5; 15-2, 5-1; 2-5; 10-6; 5-14 e 28-32 G.

2.ª hipótese:

20-23, 5-1; 24-28, 1-5; 15-2, 5-9; 28-31 e G. facilmente.

Resolveram estes problemas: A. E. I. e Manuel Duarte (Lisboa); Joaquim E. dos Santos Restivo (Gondomar); Jacinto Joaquim (Tomar); João de Deus Oliveira (Ericista); João Vieira Machado (Porto); José Luiz Rechato (Evora); e Manuel Arreaneça Padelro (Chamusca).

AGÊNCIA MAGNO

Fundada em 1874

Telef. 4 3180-4 3189-5 5301-6 2772

Cascais 22

SEDE: R. S. MARTA, 52-A. 56

LISBOA

XADREZ

Correspondência para: J. G. MARIZ GRAÇA

Quinta da Cumeada R. Pinheiro Chagas

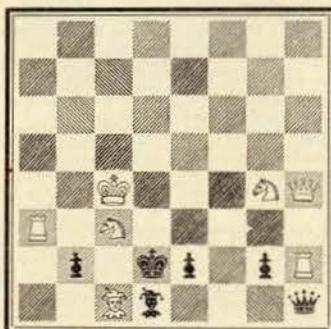
COIMBRA

PROBLEMA N.º 15

Recomendado

«Torneio Olímpico», 1948

J. ZALDO



ESPAÑA
(Brancas: 7)

Mate em 2 lances
(Pretas: 6)



Os «Mates Mudados»

Depois dum interregno a que as circunstâncias nos forçaram, voltamos a dar notícia de algumas questões cujo conhecimento, sendo indispensável à formação do Problematista, não deixa de ter também um alto interesse para todos aqueles que, com verdadeiro afincio ou por mera curiosidade, dedicam algum tempo à parte artística do Nobre Jogo.

A nossa orientação continuará a ser a que anteriormente adoptámos: Indicação sucinta de tudo quanto nos pareça capaz de facilitar a todas a «compreensão» (não encontramos termo mais apropriado) do Problema de Xadrez.

Assim, depois de classificados os problemas em «de ameaça», «de bloqueio» (completo e incompleto) e «de bloqueio-ameaça» (x), classificação que delimitou, podemos dizer, o nosso campo de estudo, vamos procurar dar uma noção, o mais aproximada possível, da mate mudado.

Antes, porém, há que responder à seguinte pergunta: Que interesse tem para nós a noção de mate mudado? E nem pareça descabida esta interrogação em face do que atrás fica dito, pois com ela se pretende precisamente deixar adivinhar que aquele interesse geral que apontámos no início destas linhas, deve acrescentar-se um outro particular, bem mais transcendente, por certo, derivado de condições que dividiremos em históricas e artísticas.

De facto, os mates mudados, desde sempre considerados quase-indispensáveis nos «bloqueios completos» e elementos de grande valorização dos «bloqueios incompletos», passaram a aparecer também, com frequência, nos problemas «de ameaça». Nota-se até, modernamente, uma tendência acentuada dos compositores no sentido de introduzirem jogo mudado nas suas melhores obras. Mas falámos ainda em condições artísticas.

Outra questão que os mates mudados, além do seu grande efeito espectacular, ostentam outra característica de valorização: o seu número de dificuldades (por vezes verdadeiras quebra-cabeças), que o problematista experimenta ao introduzi-las nas suas composições. Mas convém ainda dar merecido relevo ao seguinte facto: A mudança de mates, tomando em conta, por definição, jogadas anteriores à chave, permite tirar das posições maior rendimento, o que se torna particularmente flagrante nos «bloqueios completos», em relação aos quais pode afirmar-se, aliás com toda a propriedade, que apresentam, numa só composição, dois problemas distintos: um, correspondente ao jogo anterior à solução, o outro (diferente em virtude da existência de mates mudados), identificado com o jogo a ela posterior.

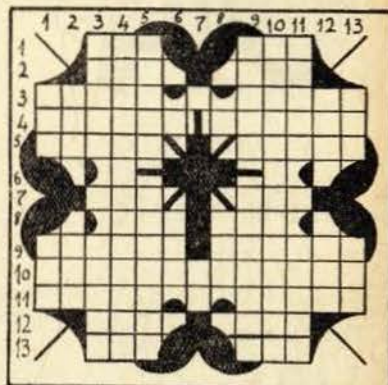
(g) Ver números anteriores desta Secção.

Palavras Cruzadas

Direcção de ARMÉNIO DA COSTA RAMOS

(Correspondência: Rua 5 de Outubro — ERMESINDE

PROBLEMA n.º 134



HORIZONTAIS: 1 — Pron. poss.; capa sem mangas. 2 — Circulo; afeição. 3 — Amovível; avalias. 4 — Rissonho; usurário. 5 — Fruto do limoeiro; tolero. 7 — Chegar; insignificância. 8 — Espaço de tempo; pedra de altar. 9 — Fermentado; criada (subs). 10 — Comando exercido por caudilha. 11 — Lutam; zona portuense onde está a ser construído o estádio F. C. P. 12 — Acrescentar; fortuna. 13 — Disparatas; ente.

VERTICAIS: 1 — Semelhante; mau cheiro (bras.). 2 — Nome de mulher; sulcar. 3 — Vaquelem; de duque. 4 — Magnanimidade. 5 — Venero; remir. 6 — Astro-Rel. 7 — Existe. 8 — Ansia. 9 — Letra grega; quareceta de arame. 10 — Terminantemente. 11 — Equipou; lubrificat. 12 — Tensbroao; grande. 13 — Saudável; cont. da prep. e art.

Prazo: 30 dias.

Prémio: uma obra literária.

Solução do problema N.º 126 — Capitulo — nominativo — o — macacada — a — cem — ralara — alta — anoso — ar — ralar — tola — rapa — asilo — podem — ninas — álito — além — agas — da — tem — fá — asaro — ade — elemis — rás — e — adoração — m — afinidades — araramas.

Prémio do problema n.º 126 — «ACARO» do Grupo Charadístico XXX — Estrada de Benfica, 430 — Lisboa, inscrito com o n.º 61. Registamos 93 decifrações.

Quem quiser entrar O Manel tim tim!
Para a nossa roda O Manel tim tim!
É para cantar Com bótina assim,
Esta nova moda: Nem se pisa o chão!



calçado
Superius
O melhor calçado para crianças!



Consultório No Mês do Rosário

FLOR DO LIZ, ADMIRADORA DA FLAMA — Lamentamos ter de lhe dizer que não há remédio para fazer desaparecer as sardas. Estas manchas não saem. Pode haver paliativos, mas nada adiantam. Em geral tornam-se mais visíveis na praia, com o ar do mar, depois passam um pouco.

O remédio é conformar-se e, se não são em grande quantidade, até lhe dão graça. Veja bem, talvez a sua infelicidade não seja muito grande. Há tantos defeitos físicos que desejam e prejudicam... mas esse não é dos piores, vamos lá.

Não pudemos responder com a brevidade pedida. A data que nos marcou era detidamente curta.

PENSAMENTOS

O único caminho para emendar o Mundo mau é criar o Mundo bom.

Emerson

A observação é a memória dos velhos.

Swift

O desenvolvimento intelectual e o moral são ambos necessários, mas a atrofia moral atrai sobre nós calamidades mais irremediáveis do que a atrofia intelectual.

Alexis Carrel

Como mobilar o nosso lar



Esta decoração é simples e destinada a uma sala grande, onde as exigências da cidade nos obrigam, por vezes, a viver a maior parte do tempo.

O sofá é apenas um divan, que à

noite pode servir de cama. Junto deste um armário entre a parede e esse mesmo divan, com porta coberta de espelho pelo lado interior. Além desta grande arrumação há ainda os armários que ficam sob as

RESIGNAÇÃO

Não venhas sorrir-me, é sorte.
— Conheço os ludibrios teus!...
Não te apresentes mais forte.
Do que os desígnios de Deus!

Quando, em sonhos te entrevi
E, louca, te ambicionei,
De longe, em vão te sorri...
E sempre em vão te chamei!...

Não venhas sorrir-me agora,
— Quem sabe já com que fim?...
Que, aos pés de Nossa Senhora,
Eu já me esqueci de mim!

IRENE CALLAPEZ

RECORTE

Erão cinco horas da tarde. A pastaria, embora não estivesse apinhada, tinha bastante movimento. Entrou uma rapariga nova, desembaraçada e ar provocante. Meteu as mãos nos bolsos e olhou em volta, arrogante e altiva. Os empregados atendiam as pessoas que estavam primeiro.

Em dada ocasião ouviu-se, pronunciado com ênfase e perfeitamente a vontade:

— Que chafice!
Todos olharam para o mesmo local. Aquela linda expressão saíra da boca da rapariga elegante que entrara há momentos.

Era uma menina da sociedade, mas o termo não lhe pertencia. E foi pena que o tivesse dito.

MARIA DE CASTRO



MARIA DE CASTRO

estantes que estão colocadas dos lados do fogão de sala.

Mesas, cadeiras, armário e uma secretária completam a decoração.

O chão é totalmente coberto por um tapete verde (não garrido e de tom uniforme). A iluminação da sala é feita de dia por duas grandes janelas e de noite por vários candeleros dispostos nos móveis.

*

É mais uma decoração do nosso colaborador Jorge Pinto — jovem cheio de vontade e talento, que consegue dar um cunho pessoal nos seus trabalhos, não desprezando o bom gosto e comodidade que a vida exige.



Da Elegância

1 O veludo está na moda. Este vestido simples é de Madeleine de Rauch. Corpo justo. Saia ampla com dois bolsos ovais.

2 Só um tecido em viés consegue uma saia larga, sem encher. Madeleine Vramant serviu-se da técnica do viés num tecido de malha cinzento-azulado. Manga kimono e bolsos dos lados, na saia.

3 Vestido de seda ou lã, com peitilho.

4 O vestido da linha moderna, glinha longa como lhe chama Dior.

★

CORES DA MODA: preto para todas as horas, cinzento, verde, algum amarelo, de preferência para complementos, e o vermelho — segundo Dior.

Dessês apresentou na sua colecção todos os tons de azul.

A linha moderna é bem lançada, equilibrada: é a nossa linha.



DESPORTO E VIDA



Na magestosa igreja do Santo Condestável receberam as bênçãos divinas Sidónio Serpa e D. Maria Laura Fernandes Costa



«Em nome de Deus, eu vos uno na santidade do Matrimónio...»



Sob a protecção de Nossa Senhora, ao entrar na vida

Parabéns, CAMPEÃO DO MUNDO!



A caminho do Lar

ESTÃO de Aleluia a «Flama» e o Desporto Nacional! Sidónio Serpa uniu-se pelo sagrado laço do Matrimónio à Ex.^{ma} Senhora D. Maria Laura Fernandes Costa.

Com a sua recente retirada das lides hoquistas, Sidónio, aquele que fora o melhor médio do Mun-

do, anunciou a resolução de entrar em breve em nova estrada da sua existência. Cumpriu-se o prometido!

Amanhã, quando a saudade começar avelhentando o rosto altivo e dócil do verdadeiro «ídolo» de tantas latitudes, e lá em baixo, no «rink» imenso, cinco rapazes se baterem como gigantes para mais um título de glória, Sidónio Serpa estará na bancada, irmanado na luta, ligado aos companheiros pelo mesmo traço de união — o fervor pátrio. Nas suas mãos mais não estará que aplaudir ou sofrer. O «stick» é apenas uma saudade imensa.

A partir do dia 10 de Outubro do ano da Graça de 1951, Sidónio Serpa entrou nos domínios dos «senhores respeitáveis». Possa Frei Nuno de Santa Maria, em cuja igreja Frei Diogo Crespo o prendeu à vida, auxiliar o melhor jogador do esquadrão lusitano, a ser também modelo dos esposos.

Nesta hora de grande alegria, a «Flama» intér-

prete do sentir unânime de milhares de amigos deseja a Sidónio Serpa e a Sua Ex.^{ma} Esposa, as melhores felicidades, amparados um ao outro, nas boas como nas más horas. A ele, que é um dos nossos, um abraço dos camaradas de Ideal. Parabéns, Campeão do Mundo!

NEVES DE SOUSA



Noivos, Sacerdote celebrante e Padrinhos

PRESENÇA DO BRASIL

PÁGINA QUINZENAL DE JORGE RAMOS

LIRA FEMININA

Dentro da Paz

Que paz tão doce
A tarde hoje me trouxe!
Minh'alma abre o seu cofre de esperanças
E é tão branca como a alma das [crianças.
Sinto-me tão confiante... Tão tranquila!
No meu mundo interior tudo cintila!
E creio até que Deus, o Ser divino,
Por força há-de mudar o meu destino.
— Meu coração é um lago transparente,
Nenhuma asa passa dele rente!
Nem parece seu fundo apenas lodo:
Manchas de oiro do sol beijam-no todo.
E a minha inspiração eis se desata
E, como um pássaro, abre a garganta [de prata.
Dos meus muitos impulsos momentâneos
Eu libertei-me milagrosamente.
Isenta de paixões, à luz do poente
Sou simples como as rosas e os gerânios.

ALZIRA TAQUES



Enfermeiras

Só as conhecem bem os que sofreram
A dor e a solidão dos hospitais,
Os que, no leito, insónes, padeceram
Os mórdbidos suplicios materiais.

São arcanjos líris das madruçadas,
A vencer mil fadigas e canseiras,
Deus abençoa essas humildes fadas,
— Todas as bênçãos sobre as Enfermeiras.

ADERBAL PYRAGIBE



boa, mantém com brilho e entusiasmo: «Presença do Brasil». Honroso para as tradições intelectuais deste país esse sinal de presença da nossa cultura clássica e do espírito moderno do pensamento brasileiro, numa revista de categoria como «Flama», de formidáveis meios de expansão em todo o mundo português. A iniciativa de Jorge Ramos, escritor subtil, inspirado poeta e nosso colaborador, é de louvar por seu alto significado. Daqui, a quantos trabalham na «Flama», testemunhamos nossa simpatia e aplauso a tão necessária obra de estímulo e compreensão mútua entre escritores de duas nações vinculadas por uma fraternidade secular; e por meio da «Flama», ao cumprimentarmos a figura prestigiosa de Fr. João Diogo Crespo, seu ilustre chefe de redacção, e a actividade inteligente do seu director, o conhecido jornalista Mário Simas, endereçamos nossas saudações a todos os intelectuais portugueses de boa-vontade e intenção construtiva, que confiam na grandeza inornata de duas literaturas, irmãs pelo esplendor do idioma.

OS NOSSOS COLABORADORES

O facto de alguns dos mais ilustres nomes da vida intelectual brasileira nos distinguirem com colaboração inédita «especialmente para esta página» é testemunho inequívoco do prestígio que «Flama» conquistou no país irmão de além-Atlântico. Honram-nos com essa colaboração valiosa, o insigne poeta DJALMA ANDRADE, da Academia Mineira de Letras, MURILO ARAÚJO, autor de uma obra vastíssima, LEONARDO HENKE, um dos maiores poetas paranaenses, da Academia de Letras, JOSÉ DE ALENCAR, autor do livro «Pedras do Meu Garimpo», LEDO IVO «o mais importante dos poetas que surgiram após Vinicius de Moraes» na opinião de Agripino Grieco, e CASIANO RICARDO um dos mais apreciados e conhecidos poetas contemporâneos, membro da Academia Brasileira de Letras.

★★★

Teares

por Djalma Andrade

Ouve o ruído desses teares!
Essa cantiga vai pelos ares
numa arrancada doida, febril:
seda bonita, toda lavrada,
chita vermelha, chita pintada,
mas tudo, do meu Brasil!

Riscado alegre que não desfia,
fazenda grossa, clara, alvadia,
pão amarelo, cinzento, azul...
Tudo perfeito, seguro, forte:
— Algodão fino que vem do norte,
fibra de seda que vem do sul.

Mil operários fortes, sádios,
tramam as teias, trançam os fios,
chita, flanela, cassa, morim...
Para S. Paulo, para o Amazonas,
correm os fardos todas as zonas
da nossa terra que não tem fim.

Correm frementes as lançadeiras,
mãos caprichosas, ágeis, ligeiras,
trançam o fio, frágil, subtil;
de algodão puro da nossa terra,
da fibra forte que a planta encerra,
é que se veste todo o Brasil.

Tecei um pano verde e amarelo,
tecei um outro mais fino e belo,
d'um azul bem doce, da cor de anil.
E sobre o vosso trabalho inteiro
chovam estrelas, brilhe o cruzeiro,
fulgure e esplenda todo o Brasil!



DIOCOLMATA IALME BERLESE
poetisa do Rio Grande do Sul

Da Imprensa do Brasil

«Na revista «Flama», editada em Lisboa, «Presença do Brasil» é uma demonstração eloquente da simpatia dos intelectuais portugueses pelo movimento literário da nova geração brasileira».

do jornal «O Município» de MUQUI
(Estado de Espírito Santo)

★

«Novo Mundo» jornal literário dirigido por Raimundo Maranhão Ayres, presidente da Associação de Intercâmbio Americano, publicou o 2.º Caderno das Artes, edição de grande formato, colaborado por dezenas de intelectuais de quase todos os países da América Latina. Há a destacar neste número, o artigo «O Brasil em Portugal» onde se destaca a obra realizada pela revista católica «Flama» de Lisboa em prol do intercâmbio espiritual luso-brasileiro.

do jornal «A Vidas de Uberlândia

★

«A grande revista literária «Flama», que se publica às sextas-feiras em Lisboa, está inserindo em vários números uma página de intercâmbio luso-brasileiro, com o título «Presença do Brasil» e colaborada por autores da nova geração. Dirige esta página cultural o nosso colaborador Jorge Ramos, jornalista que tem dedicado grande parte da sua actividade à divulgação da literatura brasileira na Imprensa e na Rádio do país irmão.

«Presença do Brasil» é uma página a todos os títulos valiosa.

«O Salesópolis» de Salesópolis
(Est. de S. Paulo)



NEVE

por Oliveira e Silva

Hei-de sentir uma ternura grave,
qualquer coisa de pausa na descida,
quando te surpreender compondo, suave,
a bela cabeleira embranquecida.

Talvez o outono seja a grande chave,
perfeita e luminosa desta vida,
em que, mãos postas, murmuramos: Avé!
Ventura! Colho-te amadurecida!

Há no outono um sabor de cachos de [uvras
que provamos tranquilos, só de vé-lois
rebrihantes, lavados pelas chuvas.

Deve ser muito doce a manso, ainda
sorridente, ao tocar os teus cabelos,
dizer-te: Como a neve te fez linda!

Caratinga, Agosto 1951.



ALVARUS DE OLIVEIRA

Director e proprietário de METRÓPOLE
e novo vice-presidente da A. B. P.



LEÓNIDAS BASTOS

doublé de publicitário e jornalista, e que empresta a sua actividade a «O GLOBO» e «JORNAL DOS SPORTS», além do seu trabalho na direcção de METRÓPOLE. Foi eleito secretário da nova Direcção da Associação Brasileira de Propaganda.

METRÓPOLE

«METRÓPOLE» é uma magnífica revista que se publica no Rio de Janeiro, quatro vezes por ano — nas quatro estações, sob a Direcção de Alvarus de Oliveira e Leonidas Bastos.

A sua apresentação gráfica é esplêndida e de notável colaboração.

Secções para todos os gostos, de interesse intelectual, artístico, desportivo, feminino e de actualidade.

É desta interessante revista que transcrevemos, agradecendo a gentileza:

Notável a todos os títulos, e sobretudo como especial e valiosa contribuição para incentivar o intercâmbio intelectual entre Portugal e o Brasil, a bellissima página literária que a popular revista semanal de actualidades, arte e variedades «Flama», de Lis-

flama

Alerta na direita estava o fenômeno Alcides Edgardo Chiggia, rapaz de 24 anos que, à primeira vista, dava a impressão de não ter força para dar um pontapé. Rápido, científico, enganador e fino, esquivando as entradas duras de Bigode e servindo-se delas para o burlar, semeando a devastação na defesa brasileira, transformava em pânico cada uma das suas investidas de relâmpago. Pairava no ambiente uma impressão de pesada expectativa; os peitos arfavam, os corpos transpiravam e os segundos decorriam.

Faltavam só doze escassíssimos minutos! Bola nos pés da «Andorinha Voadora», duas fintas que derrotaram o desorientado defesa brasileiro, uma rápida investida e as respirações pararam! Num segundo indescritível, Chiggia viu Barbosa que, recebendo a repetição da jogada anterior, se desviou um pouco para o meio das redes, ao mesmo tempo que se



É o Uruguai era campeão do Mundo! Dois documentos impressionantes do tento de Chiggia que deu à sua pátria o título mundial. Bigode tem a mão na cabeça e Chiggia ergue o braço direito, victoriosamente!



adiantava ligeiramente para cortar o possível passe do extremo-direito «celeste» para o lado esquerdo: foi o fim! Chiggia vislumbrou entre Barbosa e o poste o espaço suficiente para passar o esférico e o tiro partiu: seco, mortífero, doloroso, anestésico. Era a derradeira pulsação do Brasil futebolístico, naquela tarde.

O frágil Chiggia, aquela figurinha simples e modesta que há um par de anos aparecera no Peñarol de Montevideo, sem espanto, sem «cartaz», sem alarde, fizera vibrar naquele momento o Mundo inteiro!

Rapidíssimo, hábil, espectacular e fulminante, aproveitando com avidez e serenidade todas as oportunidades, provou a justiça da sua internacionalização, elevando-se aos mais altos lugares do futebol mundial.

Regressou ao Uruguai coberto de glória! Ao falarem-lhe nas suas proezas, nos tentos, nas descidas incisivas e demoníacas, a fisionomia de Chiggia abria-se, deixando mais em evidência o relevo das maçãs do rosto. As suas palavras dirigiam-se sempre para os colegas, para a sua ajuda e leal colaboração. Extremamente simpático e modesto. E no entanto ele podia afirmar convictamente:

— Eu dei ao Uruguai o campeonato do Mundo!

GHIGGIA

Álvaro de Melo e Silva

NAQUELE segundo de ensurdecadora loucura colectiva — em que Friaça apontava fora do alcance de Maspoli o tento do Brasil — parecia que o Uruguai estava irremediavelmente fora da corrida para o título mundial.

Por entre aplausos intermináveis da multidão doida de entusiasmo, ergueu-se a voz dominadora do «capitão» Obdúlio Varela que, minuto a minuto, aquecia o sangue dos companheiros, com veementes incitamentos e com o exemplo.

Faltavam 20 curtos minutos; o franzino extremo-direito Chiggia sempre veloz, vivo e escorregadio, bateu, uma vez mais, o já descontrolado Bigode; internou-se com a velocidade dum raio. Repentinamente tinha à frente o guardião Barbosa e do outro lado um pouco atrasado, o companheiro Schiaffino solicitando o passe. Tudo isto viu num segundo fugaz! O toque para o meio-esquerda «cheirava» a morte e o tiro do internacional «celeste» não podia ter outro destino; Barbosa entre os postes, chegado para o lado de Chiggia, deixara as balizas desguarnecidas suficientemente para Schiaffino escolher o sitio e anichar o esférico nas redes brasileiras. Era o empate!

Dúvida nos espíritos, receio entre os brasileiros, redobrar de esforços entre os uruguaios. Quando aos primeiros falecia a vontade e vinha a lume evidente «fadiga nervosa» e desalento, aos segundos luzia uma fé e querer inquebrantáveis, inoculados nas veias por um «capitão» singular.



Chiggia, a «Andorinha voadora» do Uruguai, figura principal do campeonato mundial de 1950, onde obteve o tento mais importante de toda a sua carreira.

Chiggia gosta de tocar piano; aqui o vemos em sua casa, em e mãe e a irmã. No piano, porém, não é exímio, como no futebol...